A REVOLUÇÃO CULTURAL NAS FÁBRICAS CHINESAS

EDITORA
VENTO DE LESTE

COLECÇÃO AMIZADE PORTUGAL-CHINA N.º 4

A REVOLUÇÃO CULTURAL NAS FÁBRICAS CHINESAS

EDITORA
VENTO
DE LESTE

COLECÇÃO AMIZADE PORTUGAL-CHINA N.º 4

«Considero que a actual situação internacional se caracteriza pelo facto do vento leste prevalecer sobre o vento oeste.»

Novembro 1957

Mao Tsé-tung

INTRODUÇÃO

I

«Que importa se nos devemos defrontar com algumas dificuldades! Que nos imponham o bloqueio! Que o mantenham oito ou dez anos, e então todos os problemas da China estarão resolvidos!»

Foi assim que o Presidente Mao se pronunciou, e através dele o Partido Comunista da China, aquando do bloqueio à República Popular da China por parte das forças imperialistas.

Na verdade, quando ao imperialismo yanque se juntou o social-imperialismo revisionista soviético no cerco à grande pátria chinesa, todos os reaccionários pensaram ter chegado a hora da morte da Revolução Chinesa, isto porque, não conseguem compreender que a força de um povo é invencível desde que à sua frente esteja a classe operária e o seu Partido.

Seguindo o princípio de «independência e autonomia, contar com as nossas próprias forças» o povo chinês

lançou-se decididamente na construção duma grande pátria socialista, depois do apelo que lhe foi lançado pelo Partido Comunista. Foi a época do grande salto em frente (1958).

Num dos dois textos deste livro que agora publicamos é-nos descrita a história duma exploração petrolífera-Taking-que é hoje apontada como um exemplo a seguir ao povo chinês e aos povos de todo o mundo. De facto, os operários que trabalharam e trabalham nesta exploração souberam assimilar correctamente o princípio de «independência e autonomia, contar com as próprias forças» e conseguiram criar no espaço de três anos (1960-63) uma exploração petrolífera que hoje dá autosuficiência à China, numa região em que os técnicos imperialistas diziam ser impossível montar uma exploração «rentável».

Posteriormente, outras explorações surgiram como a de Chengli, Takang, etc., enquanto a de Taking dava grandes passos em frente, e em especial durante a Revolução Cultural, altura em que os revisionistas tentaram tomar por dentro aquilo que não conseguiram tomar por fora através do bloqueio económico. Hoje, 1975, a produção petrolífera de Taking é cinco vezes superior à de 1965, e a China em vez de ser totalmente dependente do exterior é exportadora deste produto.

II

Situação semelhante à vivida pelo povo chinês estamos nós já a viver na nossa pátria. De facto, imperialistas e social-imperialistas, directa ou indirectamente

— através dos seus lacaios — procuram a todo o custo reforçar os laços de dependência económica política e militar já existentes e, paralelamente, ameaçam com, e efectivam mesmo, o bloqueio económico.

Perante esta situação a classe operária e o povo português só podem ter uma posição, isto é, seguir o exemplo do povo chinês, contar com as próprias forças e seguir em frente na via da Revolução Democrática e Popular.

Para isso, é necessário que a classe operária funde rapidamente o seu partido e, através deste, organize e dirija todo o movimento popular contra o fascismo e o social-fascismo, contra o imperialismo e o social-imperialismo, pela independência nacional.

É, pois, necessário que a classe operária e o povo criem toda a sua organização autónoma, com base nas comissões de trabalhadores, comissões de moradores, comités de soldados e marinheiros, uniões ou associações camponesas, e que saiba ligar e unir todos estes órgãos de vontade popular, quer a nível nacional, quer a nível sectorial e regional. É necessário, de igual modo, que cimente através desta organização a aliança entre operários e camponeses, esteio fundamental da Revolução Democrática e Popular.

Finalmente, o que o povo chinês ainda nos ensina, é que a luta é dura e prolongada, que devemos pegar em armas e avançar na revolução, e que só depois de expulsarmos da nossa pátria imperialistas e social-imperialistas, podemos pensar em construir uma sociedade justa e próspera e caminhar em direcção ao socialismo.

MONTAR UMA «PEÇA ESPECTACULAR NUM PEQUENO PALCO»

I

Como é que uma cidade pode desenvolver rapidamente a sua indústria

Contar com as suas próprias forças é um princípio fundamental. Um princípio definido pelo presidente Mao para o nosso país, e que se refere não só ao prosseguimento da revolução e da edificação mas também ao desenvolvimento industrial.

Uma cidade deve também saber aplicá-lo. Para construir novas fábricas, não deve contar unicamente com os investimentos do Estado: tem que mobilizar as massas, utilizar todos os meios de que dispõe e reunir todas as suas forças potenciais. Eis a materialização deste princípio.

Uma materialização que acharemos típica em Tchangtcheou, situada ao sul da província do Kiangsou, uma das quarenta cidades médias do nosso país. Qual é o nível de expansão industrial? Cerca de 15 % anual desde 1966, princípio da Grande Revolução Cultural, até 1973.

Em 1974, o valor global da produção era 24 vezes superior à de 1949, ano da Libertação. E no decurso destes oito anos, forneceu ao Estado fundos que representam 12,7 vezes o total dos investimentos que ele lhe concedeu durante o mesmo período.

Uma «peça espectacular num pequeno palco»: é precisamente a imagem que ilustra esse desenvolvimento industrial. Vamos dizer porquê.

A GÉNESE

Em 1963, uma manufactura de acessórios para máquinas agrícolas de Tchangtcheou projecta transformar-se numa fábrica de tractores de elevada qualidade: uma fábrica «digna deste nome», capaz de fazer sozinha todo o processo de produção. desde o fabrico das peças e acessórios até à montagem. Rapidamente, o projecto inicial foi lançado: prevê o investimento de 17 milhões de «yuans», um terreno de várias dezenas de hectares e um aumento de mil operários. Foi rejeitado categoricamente. Porquê? Porque ia contra o princípio de confiança nas suas próprias forças. Fez-se então um segundo projecto. Falhou igualmente, salvo uma ligeira redução na estimativa do custo, não houve nenhuma alteração em relação ao primeiro.

Que fazer? A direcção da fábrica convida então os operários a encontrar uma solução.

Em primeiro lugar, começaram por estudar várias vezes seguidas os ensinamentos do presidente Mao, sobre

a via para a industrialização. Particularmente este, escrito em 1957: «*Devemos construir progressivamente um certo número de empresas modernas, de grandes dimensões, para dar à nossa indústria a ossatura sem a qual será impossível, em algumas dezenas de anos, transformar o nosso país numa grande potência industrial moderna. No entanto, para a maior parte das nossas empresas, não é este género de construção que se impõe: é preferível criar mais pequenas e médias empresas, e utilizar também completamente a base industrial legada pela antiga sociedade, trabalhar o mais economicamente possível e fazer mais coisas com menos dinheiro*». (Da justa solução das contradições no seio do povo). Depois da discussão, chegaram a esta conclusão: o nosso território é muito extenso, e os trabalhos urgentes são numerosos, e dispomos apenas de meios limitados. É por isso que, se cada ano o Estado investe em grandes empresas, deve fazê-lo orientando os seus fundos prioritariamente, nos projectos-chave. O que impõe que uma cidade como Tchangtcheou desenvolva a sua própria indústria adquirindo o máximo dos equipamentos e do seu potencial técnico segundo o princípio de contar com as suas próprias forças.

Partiram, pois, desta justa compreensão do princípio em questão e decidiram fabricar tractores, mas renunciando o projecto desta fábrica «faz tudo». Com efeito — e é resultado do inquérito que fizeram no campo vizinho — os arrozais estavam divididos ao sul do Yangtsé e muitas vezes ligados entre si por passagens

estreitas. Requeriam, por conseguinte, motocultores cómodos e fáceis de manejar. Determinou-se então o seguinte método: sob a direcção única dos departamentos industriais da cidade, vinte fábricas — forjas, fábricas de molas, manufacturas de produtos de borracha e oficinas de motores diesel — forneceram os componentes, peças e acessórios, num espírito de cooperação, e a sua própria fábrica, depois de um ligeiro aumento, encarregar-se-ia da produção das peças importantes e da montagem. Novo projecto — que precisa de poucos investimentos e que é logo aceite pelo Estado.

Apesar disso, ao princípio, alguns não compreendiam ainda muito bem o significado da operação e permaneciam cépticos: «É impossível construir tractores numa pequena fábrica equipada com material arcaico. É como se quiséssemos representar uma grande peça num palco do tamanho de uma mesa». Mas os factos iam provar-lhes o contrário: efectivamente, depois de dez anos de esforços, apesar da «pequenez do palco», «os espectáculos» eram cada vez mais formidáveis. E actualmente, no país, Tchangtcheou tornou-se um dos principais fornecedores deste tipo de motocultores, com 11.000 unidades de excelente qualidade saídas da fábrica em 1974, tendo sido uma parte exportada. Fenómeno idêntico passou-se em muitas outras fábricas. A cidade dispõe agora de uma indústria geral com 381 empresas, 95 % das quais sem investimentos de Estado, graças à cooperação e à utilização dos materiais e meios financeiros existentes.

A METAMORFOSE

Tchangtcheou é uma cidade antiga cujo aparecimento remonta a 547 a. C. Na época contemporânea conheceu a opressão e a exploração imperialistas, e a dominação do governo reaccionário, a pontos de não possuir senão uma economia retardatária, digamos mesmo estagnada. Qual era o seu aspecto há 25 anos? Miserável: casas baixas e velhas, ruelas estreitas e sinuosas, um velho canal com águas fétidas... oficinas artesanais, fundições e oficinas de descasque de arroz era toda a «indústria» existente. Com um maço de 20 quilos na mão, os operários das oficinas de fabrico de óleos trabalhavam mais de 12 horas por dia, além de crianças-operárias e operárias têxteis que trabalhavam do romper da aurora até altas horas da noite...

Quanto à sua indústria têxtil «moderna» — os primeiros indícios remontam a 1905 — 44 anos depois, aquando da libertação, constava apenas de fábricas de fiação, a maior parte de pequenas dimensões e equipadas com teares rudimentares. Algumas delas não tinham senão três ou cinco operários. E a indústria pesada? Uma oficina de reparação de locomotivas e material rodoviário, e uma fábrica miniatura de máquinas-ferramentas com uma centena de operários. Além disso, algumas forjas para a reparação de máquinas têxteis. Na verdade, os únicos produtos locais que tinham alguma reputação na época eram os pentes de buxo.

Uma situação que mudou radicalmente. As velhas fábricas têm um aspecto completamente novo. Depois da Libertação, a de reparação de locomotivas e de

material rodoviário foi tomada aos capitalistas burocráticos do Kuomitang. Agora, é capaz de produzir anualmente 4000 vagões, reparar e fabricar mais de trezentas locomotivas — recentemente locomotivas Diesel com excelentes índices de velocidade e potência. E as empresas pequenas — têxteis, oficinas de impressão e tinturarias — antigamente nas mãos da burguesia nacional tornaram-se todas elas empresas de Estado através da transformação socialista.

Tomemos como exemplo a fábrica de impressão e de tinturaria Tongfeng. Muito pequena na altura da Libertação, desenvolveu-se até se tornar numa importante fábrica que pode tratar anualmente 120 milhões de metros de tecido, e imprimir e tingir diariamente 40.000 metros de fazendas de fibras químicas com um sistema de produção contínuo posto a funcionar em 1973. Os tecidos de algodão imprimidos e os tecidos de «polyester» têm sempre uma boa clientela, tanto no mercado interno como no estrangeiro.

Há depois a história da primeira fábrica de máquinas-ferramentas construída em 1913. Estava equipada com máquinas accionadas à mão ou ao pedal. Agora, é uma fábrica de Diesels, que fabricou em 1974 33.000 máquinas, de excelente qualidade, para uso agrícola.

Mas o que é ainda mais impressionante, é o número de fábricas novas. O campo deserto, as fossas comuns, os pântanos de juncos... tudo isso desapareceu: No seu lugar, montaram uma central eléctrica gerida pelo departamento de energia eléctrica do Estado, uma fábrica de materiais de construção que produz plástico armado com fibras de vidro e uma pequena hulheira, sendo as duas últimas financiadas pela província do

Kiangsou. E é preciso notar que a maior parte das novas fábricas foram criadas com os recursos locais. Actualmente, a cidade dispõe de numerosos ramos industriais. Em primeiro lugar, a construção mecânica: motores eléctricos para a indústria e minas, automóveis, máquinas-ferramentas, motores de combustão interna, transformadores, motocultores, Diesels, geradores de corrente contínua, plainas mecânicas de dois montantes. Depois a química: ácido sulfúrico, soda cáustica, insecticidas, corantes, álcool e artigos de matérias plásticas. Finalmente, a têxtil e a electrónica. A segunda — criada antes da Grande Revolução Cultural com base em algumas lojas de reparação de rádios e de várias oficinas artesanais — tem agora 34 fábricas que, apesar de pequenas, fabricam material moderno, como aparelhos de medida com condensador de alta precisão, telémetros de laser, ordenadores capazes de efectuar 120.000 operações por segundo e circuitos integrados com a grossura de uma unha contendo uma centena a um milhar de elementos.

Para falar das pequenas fábricas, construídas nos arredores ou nos bairros — segundo um plano bem estabelecido pelos departamentos industriais da cidade e sob a sua direcção — é preciso dizer algumas palavras sobre a fábrica de molas em particular.

Foi feita com o fim de permitir que as donas de casa participassem no trabalho social de produção. Presentemente, com um efectivo de 130 pessoas, 70 % mulheres, fabrica toda a espécie de molas: desde as que têm o tamanho de um bago de arroz às que pesam 15 quilos. Sozinha, satisfaz, no essen-

cial, as necessidades da indústria local e os fabricos de artigos de uso corrente.

O desenvolvimento da produção animou esta velha cidade, outrora sinistra, e que hoje é próspera. Presentemente, encontramos aí, segundo as estatísticas, mais de 120.000 operários e empregados, 50.000 trabalhadores de organismos governamentais — trabalhadores da cultura, da educação, incluindo pessoal de comércio — ou seja, 62 % da população urbana que tem 270.000 habitantes. Ora, a seguir à Libertação, só havia 30.000 operários. Actualmente, os únicos que não trabalham são os velhos, os alunos e as crianças.

O CAMINHO PERCORRIDO

Como é que se pôde representar uma «peça espectacular num pequeno palco»?

A indústria em Tchangtcheou tem tantos sectores por onde começar!

Podíamos retomar a expressão local: «A agricultura em primeiro plano faz a bola de neve. Ou «*tomar a agricultura como base e a indústria como factor determinante*» é o princípio geral do desenvolvimento da nossa economia nacional. O presidente Mao apontou-o: «*Sendo a China um grande país agrícola, cuja população em mais de 80 % é rural, o desenvolvimento da indústria deve caminhar a par com o da agricultura. Só assim a indústria terá matérias-primas e extracções, só assim será possível acumular fundos relativamente grandes para criar uma poderosa indústria pesada. Toda a gente sabe que a indústria ligeira e a agricultura estão

estreitamente ligadas. Sem a agricultura não há indústria ligeira... Este desenvolvimento da agricultura e da indústria ligeira garantirá extracções e fundos para a indústria pesada e acelerará a sua expansão. Do mesmo modo, o que à primeira vista pode parecer um atraso do ritmo de industrialização não o é, de facto, e poderia mesmo traduzir-se por uma aceleração*». (Da justa solução das contradições no seio do povo). Assim, nós vemos que, segundo esta directiva, os planos do desenvolvimento económico devem ser elaborados em todo o país — por exemplo, nesta cidade — seguindo esta ordem: primeiro, a agricultura, depois a indústria ligeira, e finalmente a indústria pesada. É preciso, no decurso do desenvolvimento industrial, dar a devida atenção à indústria que é susceptível de ajudar a agricultura. Assim, esta directiva indicou a Tchangtcheou o caminho a seguir.

A sua base industrial era constituída principalmente pela indústria ligeira, nomeadamente têxtil. Por conseguinte, a direcção ia mobilizar as massas para criar — através dos equipamentos e do potencial técnico das suas empresas — uma indústria que pudesse auxiliar a agricultura. Por exemplo, a indústria mecânica que ia desenvolver prioritariamente a produção de Diesel e de motocultores pedidos em grande quantidade pelo campo. O desenvolvimento desta produção e o melhoramento da qualidade dos produtos iam, pouco a pouco, conduzir à expansão de fábricas subsidiárias como forja, oficinas de moagem, engrenagens e molas, com a consequente criação de condições próprias para o fabrico de outras máquinas.

A mesma coisa para a indústria química: antes de 1958 só havia, para toda a cidade, uma fábrica muito mal equipada e cerca de 40 operários que, ao princípio, fabricava insecticidas; ia, contudo, dar um impulso à produção de matérias químicas de base como a soda cáustica, ácido sulfúrico e clorídrico, cujo desenvolvimento ia permitir, por sua vez, uma rápida expansão das indústrias de corantes, das indústrias farmacêuticas e das de fibras sintéticas. Quanto às matérias plásticas, devem o seu desenvolvimento às muito grandes necessidades de películas de «polyetilene» manifestadas pelo campo para fazer estufas para proteger as plantas novas. Actualmente, Tchangtcheou é capaz de obter uma centena de produtos químicos.

Mas desenvolver uma indústria ao serviço da agricultura não fez esquecer a indústria ligeira e a têxtil, cuja expansão ia permitir, não só o fornecimento de uma enorme quantidade de artigos de consumo corrente, mas também assegurar a acumulação de fundos para o desenvolvimento da indústria pesada. Tchangtcheou possui, agora, 39 fábricas modernas de têxteis, de tinta e de impressão — tecidos de algodão, de lã, de seda e tecidos de fibras sintéticas. Estas fábricas produzem anualmente 150 milhões de metros de tecidos de algodão e de «polyester». Assim, no decorrer dos oito anos que se seguiram à Grande Revolução Cultural, os fundos acumulados pela indústria têxtil ultrapassaram a metade do total daqueles até agora acumulados pela indústria local. Devido a estas acumulações, o aumento de receitas ia permitir, por sua vez, um impulso à reprodução alargada da indústria,

incluindo a indústria pesada, cuja produção representa actualmente 46 % da produção industrial da cidade.

Por sua vez, o desenvolvimento da indústria pesada forneceu à indústria ligeira equipamentos e novas matérias-primas. No essencial, Tchangtcheou tem suficientes equipamentos para fabricar os tecidos de «polyester», as bicicletas e os aparelhos fotográficos.

Começámos por pôr a indústria ao serviço da agricultura, dando a devida atenção à indústria ligeira, e foi assim que a «bola de neve» pôde aumentar constantemente.

II

Tchangtcheou, uma das nossas cidades médias, desenvolveu rapidamente a sua indústria contando com as suas próprias forças. Contar com as suas próprias forças não é um «slogan» sem sentido mas um princípio posto em prática pelas massas populares. Sem o seu ardor ao trabalho, ele não estaria em questão.

UM TRABALHO RENHIDO

Em Tchangtcheou, os operários e os quadros um pouco mais idosos gostam de evocar o Grande Salto em frente de 1958. «*Construir o socialismo segundo os princípios: fazer todos os esforços; marchar sempre em frente; quantidade, rapidez, qualidade e economia*». Esta linha geral traçada pelo presidente Mao ia suscitar no povo uma grande vaga de entusiasmo pela revolução e pela edificação socialistas.

Um passo em frente na história do desenvolvimento da indústria que, nesta época, podia descrever-se nestes

termos em Tchangtcheou: «Toda a cidade põe mãos à obra e dedica-se à indústria; a produção atinge o seu auge nos bairros e nas ruas».

É então um movimento de massas para desenvolver a indústria: numerosas fábricas confiam a uma parte dos seus operários e quadros a tarefa de lançar novas empresas com algumas máquinas. Dizia-se então: «As galinhas põem ovos», «As células multiplicam-se», «As velhas fábricas tomam um novo aspecto»... A fábrica de impressão e de tinturaria Tongfeng vai assim dar origem a outras dez especializadas na produção de máquinas têxteis, aparelhos electrónicos, ou artigos de petroquímica. Algumas empresas vão «multiplicar-se» por duas, três ou quatro. Sob a direcção única e a planificação da organização municipal do Partido, as fábricas rebentam como cogumelos. Deste modo, desenvolver-se-ão progressivamente e consolidar-se-ão, sofrendo diversos reajustamentos e fusões.

A fábrica de transformadores está situada num bairro rasgado por belas ruas bem alinhadas. Actualmente, tem uma superfície de 10.000 m². Aí, todo o processo da produção é mecanizado ou automatizado.

Ora, não é exagerado dizer que o seu pessoal tinha começado a trabalhar de mãos vazias a seguir ao Grande Salto em frente. No princípio, foram operários do gabinete municipal de electricidade, encarregados da conservação dos aparelhos, que tomaram a decisão de produzirem eles próprios transformadores.

Eis a sua história. Ao princípio, eram apenas 30. Não possuíam mais do que três máquinas velhas e 300 «yuans» de fundos. Puseram-se a trabalhar nas velhas oficinas deterioradas abrigados por esteiras de junco,

onde reparavam a aparelhagem eléctrica. As ferramentas resumiam-se a grandes bobines de cabos eléctricos, tesouras para cortar placas de aço silicioso e fogões a carvão ordinários a servir de secadores. Lacavam à mão. Eram, contudo, as condições nas quais iam conseguir progressivamente produzir transformadores cada vez mais potentes que passariam de uma capacidade de 100 kw para 7500 kw.

E também máquinas altas de 3 m, que os obrigavam a trabalhar ao ar livre ou a escavar o solo das oficinas, demasiado baixo para as conter. Rapidamente, os equipamentos e as peças separadas acumulavam-se na rua de 300 m. Até que em 1960, o município autorizou-os a construir a nova fábrica nos arredores onde trabalham actualmente.

Seguindo a expansão da empresa, o efectivo empregado vai ultrapassar o milhar de pessoas. E os fabricos representam hoje mais de 160 variedades de transformadores incluindo um tipo especial muito delicado para produzir e um protótipo de 63.000 kw que eles afinaram.

Não esqueceram as belas tradições de luta dura, o que permite à fábrica fabricar ela própria, em parte com material já utilizado, máquinas-ferramentas de que precisa.

Um grande número de empresas da cidade foram assim construídas graças aos esforços feitos pelos operários que conservaram o seu entusiasmo e ardor desde 1958.

Outro exemplo: a fábrica de fibras sintéticas surgiu em 1966 para satisfazer as necessidades da população urbana e rural de tecido de «polyester». Situada na extremidade de uma rua estreita, conta agora com

mais de 300 empregados e operários. Em 1970, ia começar a funcionar, mas faltava-lhe o dimétrico, matéria-prima indispensável para o fabrico desta fibra sintética. Como fazer? Os operários responderam: «Temos cabeça, vamos criá-lo». Então, durante os feriados da festa da Primavera, todo o pessoal se lançou na construção dos equipamentos e da oficina necessários. Particularmente a operária Tan Houa-tchen que estava à cabeça de uma equipa de mulheres para fabricar o elemento-chave: 4 filtros cilíndricos, nos quais faziam 68.000 orifícios numa semana. Alguns operários tinham de transportar materiais num carrinho de mão durante um longo percurso, e outros procuravam por todo o lado refugos para economizar novas peças. Os quadros metiam mãos à obra com os operários para aumentar e transformar numa oficina o único escritório que a fábrica possuía. Um escritório que está agora na oficina. Foi assim que depois de terem superado múltiplas dificuldades conseguiram finalmente produzir «polyester».

Em muitas fábricas e oficinas reina um grande entusiasmo. Durante as horas de descanso continua-se a trabalhar para a construção do socialismo sem pedir qualquer remuneração extra. Os operários estão sempre interessados em melhorar as técnicas a fim de aumentar a eficácia do trabalho. Estes últimos anos fez-se uma média de 1800 inovações técnicas. E também se economiza. Os quadros e os operários da fábrica de produtos petroquímicos fabricam eles próprios alguns equipamentos. Com os operários, os quadros consagram as suas horas de descanso ao nivelamento do terreno e à construção de novas oficinas, poupando ao Estado metade do dinheiro destinado a este posto.

Mas o que é mais importante, é que os operários, senhores do país, participam no desenvolvimento das fábricas, criticam a linha revisionista em matéria de gestão e velam para que elas avancem na via socialista. Tomemos como exemplo a fábrica de máquinas Diesel. Antes da Grande Revolução Cultural, sob a influência da linha revisionista de Liou-Chao-Chi que preconizava «o lucro em primeiro lugar», a direcção corria atrás dos benefícios. Apenas se produzia então grandes motores Diesel segundo os exemplos do estrangeiro. Rentáveis, vendiam-se caro. Mas não se fabricavam os pequenos Diesel, muito apreciados pelos camponeses e que respondiam às suas necessidades. Ora, sendo a procura de grandes motores fraca, a produção não aumentava nada.

Ela vai registar um sensível crescimento quando os operários vão criticar esta prática durante a Grande Revolução Cultural.

O constante desmascaramento dos métodos revisionistas — «o lucro no posto de comando», e «estimulantes materiais» — e a manutenção da política proletária permitem perpetuar o ardor revolucionário e o espírito de luta dura. Hoje, Tchangtcheou acumula somas elevadas todos os anos para o Estado, mas os gabinetes do seu comité revolucionário continuam instalados muito simplesmente em algumas casas modestas. Os quadros das fábricas vão trabalhar frequentemente para as oficinas com os operários. Dizem muitas vezes com eles: «O presidente Mao ensina-nos que «*a China tem o dever de dar uma contribuição à humanidade*», o que fizémos para isso?

Para criar uma grande indústria moderna, é preciso também fazer irradiar o espírito de ousar pensar e agir.

O confucionismo, que pregou durante 25 séculos «acima a inteligência e abaixo o erro», impede ainda alguns trabalhadores de tomar consciência da sua força e da sua inteligência. A agressão e a dominação centenárias do imperialismo deixaram em alguns, sentimentos de inferioridade nacional que se nota muitas vezes pelos termos de «servilismo perante o estrangeiro» e de «atitude compradora». Os que estão profundamente influenciados pelas velhas ideias tradicionais acham que é preciso ater-se aos peritos e imitar os modelos estrangeiros para poder criar uma indústria moderna e introduzir as técnicas ultra-modernas.

Ora, há já muito tempo que o presidente Mao pronunciou esta frase: «*O povo e só o povo é o motor da história, o criador da história universal*». («Do governo de coligação»). Aquando do Grande Salto em frente, fez notar: «*Façamos tábua rasa dos velhos mitos, libertemos o nosso espírito*», «*não podemos copiar as vias do desenvolvimento técnico, seguidas pelos outros países, pondo-nos a reboque deles*». Estes princípios armaram o espírito do povo chinês, que os transformou em forças materiais.

Os operários da fábrica de isoladores falaram-me do caminho sinuoso que tiveram de percorrer para conseguir produzir uma dada espécie de resina sintética que serve para fabricar fitas isolantes necessárias aos motores e aparelhos eléctricos. Em 1958, Kin Ping-tchouen, operário de uma fábrica de tratamento de

arroz, teve a ocasião de ler um prospecto acerca deste género de produto depois de uma exposição industrial. A China não podia ainda fabricá-lo. Reuniu então alguns dos seus camaradas assim como operários de uma fábrica de serração e de uma hulheira — trabalhadores atribulados de alcunhas desdenhosas antes da Libertação. Estavam todos dispostos a honrar a pátria e a experimentar a produção de materiais resistentes a altas temperaturas.

As condições eram muito más a princípio. Foram pedir aos operários mais antigos de uma vidraria para lhes fabricarem garrafas. Depois, pediram emprestado bombas vazias a um hospital e convidaram dois professores de química a dar-lhes cursos. Nada os intimidava, nem dificuldades nem fracassos. E vê-se ainda na cara de Kin a cicatriz da ferida causada por uma explosão. Um incidente que fez recuar alguns, aqueles a quem faltava determinação, mas nada abalou a vontade dos outros. De 1960 a 1965, tiveram mais de 800 revezes. Mas adquiriram também mais de 50.000 dados experimentais.

Não estavam sozinhos neste empreendimento. A organização do Partido encorajava-os. Os serviços industriais do município davam-lhes um enérgico apoio, tanto material como ideológico. Alguns departamentos científicos e técnicos, dependentes das autoridades centrais, mandaram camaradas para os ajudar a fazer o balanço da sua experiência. A produção efectiva começou em 1965. E actualmente, experimentam ainda novos produtos.

Os trabalhadores de numerosas fábricas da cidade nunca deixaram de superar dificuldades técnicas. Foi

sobretudo desde a Grande Revolução Cultural que a variedade dos produtos se multiplicou e a nova tecnologia se alargou rapidamente. Muitas fábricas começaram a introduzir as técnicas avançadas como a do silício controlável, os jactos, o controle numérico e o laser. A electrónica é agora utilizada nas indústrias metalúrgica, química, têxtil e na construção mecânica: impressão e gravura programadas electronicamente para a impressão e a tintagem, automatização por ordenadores da construção mecânica, controle automático electrónico da produção de aço...

Opor-se ao culto das técnicas estrangeiras não significa excluir o que não é nacional. Os operários estão dispostos a adoptar todas aquelas que lhes podem ser úteis. Assim, um protótipo de motocultor de 7 cv foi feito segundo um modelo estrangeiro. Mas as experiências mostraram que não convinha às condições locais porque, como era de fraca potência, não conseguia lavrar em profundidade e não podia ser usado para o transporte. Deste modo, melhorámo-lo segundo as necessidades dos camponeses, para pôr a funcionar o modelo de 12 cv, utilizado actualmente.

O presidente Mao disse: «*Contar principalmente com as próprias forças, pedir apenas ajuda externa como apoio, fazer tábua rasa dos velhos mitos, empreender na independência a produção industrial, a produção agrícola, a revolução técnica e a revolução cultural, acabar com o espírito de servilismo e enterrar o dogmatismo, estudar seriamente as boas experiências do estrangeiro e nunca esquecer de examinar as suas más experiências para daí tirar a lição. É essa a nossa linha*». Foi precisamente com esta linha que Tchangtcheou viu a sua indústria progredir tão rapidamente.

COOPERAÇÃO

Desenvolver o espírito de contar com as suas próprias forças não é afastar-se da cooperação. O estabelecimento do sistema socialista de propriedade colectiva dos meios de produção criou as condições necessárias para uma vasta cooperação e um auxílio mútuo desinteressado.

Como em todo o país, as fábricas desta cidade, bens de todo o povo ou da colectividade estão na dependência da propriedade pública socialista. Funcionam sob a direcção única do Partido e dos ministérios da indústria. Um desenvolvimento planificado e equilibrado da economia nacional substituiu a concorrência e a anarquia que reinavam na antiga sociedade. Actualmente, produz-se para assegurar o bem-estar social e servir o povo, e não para fazer fortuna e procurar o lucro. A cooperação entre os diversos sectores pôs fim à rivalidade e às intrigas próprias da sociedade capitalista.

Em Tchangtcheou, fala-se muitas vezes dos oito «dragões», uma forma de cooperação iniciada em 1962 na produção: sob a direcção dos departamentos industriais do município, as fábricas interessadas de diversos ramos organizaram-se para concentrar a sua actividade num só produto e aperfeiçoá-lo. Por exemplo: a produção de veludo canelado estava estagnada e não oferecia senão um reduzido leque de variedades porque a

qualidade não era boa. Juntaram-se oito fábricas que se encarregavam respectivamente da fiação, da tecelagem, da tosadura, da impressão e da tintagem. O gabinete municipal da indústria têxtil decidiu organizá-los para formar um «dragão» a fim de superarem em conjunto as dificuldades, depois de reuniões regulares convocadas para estudar os problemas postos por cada processo de produção. Assim, a tosadura era feita à mão e uma equipa não podia tratar mais de 70 m em 8 horas. E esta operação ficava atrasada em relação a todas as outras. Um grupo de tripla união, composto por operários, quadros e técnicos, inventou então uma pequena máquina de tosar que permite a um só operário fazer em média 2100 m. A produção de veludo canelado aumentou sensivelmente, e a qualidade melhorou. De 10.000 m diários produzidos em 1958, o número atingiu 120.000 m diários em 1974. E a variedade passou de algumas dezenas a perto de um milhar. Os produtos são bastante apreciados no estrangeiro.

Em Tchangtcheou, a produção de fibras químicas, de motocultores, de rádios, de matéria plástica e de outros ramos formam cada uma um «dragão».

Assim, 24 fábricas trabalham em colaboração para fabricar motocultores. A fábrica de tractores, chamada «cabeça do dragão», está encarregada dos elementos principais e da montagem. As fábricas que produzem os milhares de peças soltas necessárias formam o «corpo» e a «cauda» do dragão. Ora, se o sistema socialista é a condição necessária a toda a cooperação deste género, é preciso eliminar também toda a espécie de pontos de vista errados. Por exemplo, nas fábricas que constituem a «cauda do dragão», alguns melin-

dram-se com a obscuridade e a monotonia da sua tarefa, e do baixo preço da sua produção. Sobretudo ficam ofuscados com o facto de que toda a «glória» seja atribuída à «cabeça do dragão», cujo nome é o único a figurar na marca do produto acabado. É uma forma de «espírito de grupo» contrário ao estilo comunista, e que advém da concepção burguesa da propriedade privada. Sem fazer tábua rasa de ideias semelhantes, é impossível fazer triunfar a cooperação socialista que é um factor capital do desenvolvimento industrial. É por isso que os operários citam muitas vezes esta frase de Karl Marx: «*Trata-se, não só de aumentar as forças produtivas individuais, mas de criar uma força nova através da cooperação.*» (O Capital)

Tchangtcheou oferece-nos um quadro do avanço impetuoso que a indústria tem numa cidade média. É assim em muitas outras. Nas grandes cidades como Pequim, Changai, ou Tientsin, a produção industrial e a construção estão em plena efervescência. Apareceram novas bases industriais nas montanhas outrora desertas ou nas estepes. Nos nossos vastos campos fazemos pequenas indústrias. À luz da linha revolucionária do presidente Mao, centenas de milhões de Chineses empregam todos os seus esforços e marcham em frente para fazer do seu país, antes do fim do século, um Estado socialista, moderno e poderoso, nas primeiras filas da economia mundial.

TAKING

Uma bandeira vermelha na frente industrial chinesa

EM FORMA DE INTRODUÇÃO

ALCANÇAR UMA VIA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL PRÓPRIA

Encorajada pelo nosso grande dirigente, o presidente Mao Tsé-tung, a exploração petrolífera de Taking é uma bandeira vermelha na frente industrial chinesa. Em 1964, o presidente Mao lançou um apelo a todo o país: «Que a indústria tome como exemplo a exploração petrolífera de Taking». *Depois do início da aplicação, em 1971, do 4.º plano quinquenal para o desenvolvimento da economia nacional, constata-se um novo e impetuoso ascenso do movimento de massas que consiste em fazer a revolução e em promover a produção segundo o exemplo de Taking.*

Qual a via a tomar no desenvolvimento da indústria? Este é um novo problema que se põe ao proletariado depois da tomada do poder. Existe sempre, a esse respeito, uma séria luta entre a linha marxista e a linha oportunista. Os marxistas mantêm sem hesitações o

ponto de vista de Lenine: O socialismo vivo, criador, é obra das próprias massas populares. *Mas todos os oportunistas ajoelham perante a burguesia e negam o grande papel revolucionário que as massas populares desempenham.*

Resumindo a experiência histórica, positiva e negativa, da ditadura do proletariado e da edificação do socialismo, tanto no interior do país como no estrangeiro, o presidente Mao formulou sistematicamente a teoria, a linha, os princípios e as medidas políticas marxistas-leninistas para o desenvolvimento da nossa indústria. Em 1958, avançou a linha geral: edificar o socialismo segundo os princípios: desenvolver todas as forças; ir sempre em frente; quantidade, rapidez, qualidade, e economia, *assim como toda uma série de medidas políticas, usualmente chamadas* «Caminhar com as duas pernas», *chamando-nos a* «contar com as nossas próprias forças» *a* «lutar duramente», *e a* «destruir o quadro das fórmulas estrangeiras e tomar uma via de desenvolvimento industrial que nos seja própria». *Guiada por estes brilhantes conceitos do presidente Mao, a classe operária chinesa triunfou, várias vezes, perante a interferência e a sabotagem da linha revisionista contra-revolucionária de Liou Chao-chi, imprimindo assim um desenvolvimento rápido e contínuo à nossa edificação industrial.*

Em 1960, quando a nossa economia nacional conheceu dificuldades temporárias, os imperialistas, os revisionistas e os reaccionários entregaram-se com raiva a actividades anti-chinesas. Liou Chao-chi, esse renegado, agente do inimigo e traidor à classe operária, e o seu bando ordenaram o encerramento das empresas industriais estabelecidas no decurso do grande salto em frente. Mas, fazendo frente à arrogância dos reaccionários internos e externos, e rejeitando as velhas convenções impostas pelas sumidades técnicas burguesas, os heróicos operários de Taking começaram a prospecção do campo petrolífero de Taking. Dando prova do espírito revolucionário baseado em: «não temer as mais duras provas nem a morte», em menos de três anos, puseram de pé, em terreno deserto, a primeira grande exploração petrolífera da China. Deste modo, desmentiram as calúnias difundidas pela burguesia ocidental segundo as quais a China era «um país pobre em petróleo». No decurso da Grande Revolução cultural proletária, os operários de Taking, seguindo de perto os grandes ensinamentos estratégicos do presidente Mao, persistiram em fazer a revolução e em promover a produção, e defenderam a linha revolucionária proletária do presidente Mao realizando proezas notáveis.

A exploração e a edificação do empreendimento petrolífero de Taking constituem uma grande prática revolucionária na história da indústria chinesa. Realizaram-se em conformidade com a linha revolucionária proletária do presidente Mao para o desenvolvimento industrial.

Por consequência, louvado por todo o povo, Taking tornou-se um exemplo a seguir na nossa frente industrial.

Taking é igualmente um exemplo no que diz respeito ao estudo do marxismo, do leninismo, e do pensamento maotsétung. No decurso da exploração e da edificação de Taking, os operários puseram sempre em todas as circunstâncias, o pensamento maotsétung no

posto de comando, utilizaram como guia os ensaios filosóficos do presidente Mao, tais como «Sobre a contradição» *e* «Sobre a prática». *Apoiando-se firmemente no materialismo dialéctico e no materialismo histórico, transformaram conscientemente a sua concepção do mundo e resolveram os problemas surgidos na luta de classes, na luta pela produção e pela experimentação científica.*

Redobrando de esforços para seguirem o exemplo do Exército Popular de Libertação, consideram as directivas respeitantes ao trabalho político-ideológico dadas ao exército pelo presidente Mao, como lhes sendo igualmente destinadas, colocando em pirmeiro plano o trabalho político-ideológico na edificação da sua empresa.

Observando rigorosamente os seguintes princípios: integração da direcção centralizada no movimento de massas, combinação de um elevado espírito revolucionário com uma atitude estritamente científica e introdução de inovações técnicas para edificar o país com economia e diligência, responderam sob todos os pontos de vista às exigências da linha geral para edificar o socialismo segundo os princípios: quantidade, rapidez, qualidade e economia.

Seguindo firmemente a via indicada pelo presidente Mao na sua «directiva de 7 de Maio», consagram-se principalmente à indústria, esforçam-se ao mesmo tempo por adquirir uma formação nos planos militar, político e cultural e criticam a burguesia. Segundo as condições específicas do campo petrolífero, desenvolveram a produção agrícola e as ocupações subsidiárias e edificaram Taking numa região mineira socialista, de tipo

novo, que combina a indústria e a agricultura, a cidade e o campo, favorece a produção e traz numerosas vantagens à população.

O movimento de massas baseado em: «Que a indústria tome como exemplo a exploração petrolífera de Taking» deu e dará um grande impulso à nossa indústria, de modo que ela se desenvolverá vigorosamente segundo a linha revolucionária do presidente Mao.

NO CAMPO PETROLÍFERO DE TAKING

Um ambiente revolucionário de grande actividade reinava por toda a parte quando chegámos ao campo petrolífero de Taking, bandeira vermelha na frente industrial. Comboios carregados de petróleo passavam, motores roncavam junto dos guindastes, rebanhos passavam entre fileiras de poços artesianos, equipas de construtores trabalhavam com ardor, grupos de membros das famílias dos operários traziam fertilizantes para os campos, as altas chaminés da refinaria vomitavam fumo... Um quadro verdadeiramente magnífico de um campo petrolífero socialista de tipo novo!

O primeiro poço artesiano de Taking

Por toda a parte no campo petrolífero de Taking, cada um faz o elogio dos actos heróicos e do espírito revolucionário proletário do camarada Wang Kin-hsi, apelidado de «homem de ferro». Embora tenha morrido de doença, o espírito de que deu provas encoraja sempre os homens de Taking a seguir em frente.

Visitámos o primeiro poço artesiano perfurado pela equipa que ele dirigia durante a primeira primavera dos anos 60. O local já não se parece com o que era há dez anos, mas o alpendre no qual o homem de ferro dormira, o poço artesiano que ele e os seus camaradas tinham cavado para fornecer a água necessária à perfuração do poço artesiano de petróleo e a fossa cavada para facilitar o descarregamento do equipamento pesado, ainda lá estão.

Os camaradas de Taking falaram-nos dos actos comoventes realizados por Wang Kin-hsi, quando ele aí trabalhava.

Foi na primavera de 1960, no momento em que a China conhecia dificuldades económicas temporárias devidas a graves calamidades naturais. A nossa indústria petrolífera estava então muito atrasada e o imperialismo e o revisionismo moderno tentavam criar-nos dificuldades. Levando consigo as «Obras Escolhidas» de Mao Tsé-tung, o camarada Wang Kin-hsi, à cabeça da equipa de perfuração n.° 1205, deixou Yumen, província do Kansou, com destino a Taking. Ao contemplar a imensa pradaria onde se encontra este vasto campo petrolífero, não pôde conter a sua emoção e algumas lágrimas correram pelas suas faces. Alimentando um ódio implacável ao imperialismo, ao revisionismo e a toda a reacção, ele jurou honrar o nosso grande dirigente, o presidente Mao, o povo chinês, e fez esta promessa solene: «Lançaremos ao Pacífico a etiqueta que qualifica de atrasada a nossa indústria petrolífera!»

Nesta época, Taking não era mais do que uma imensidade de gelo e de neve. Os operários encontraram naturalmente inúmeras dificuldades para começar a ex-

plorar um campo petrolífero em condições tão penosas. Sem falar na falta de equipamento, não existia sequer um lugar suficientemente quente para dormir. Mas, cheio de confiança, Wang Kin-hsi disse: Não recuaremos diante das dificuldades! Seguiremos em frente quando as condições necessárias existirem progrediremos ao mesmo tempo que as criamos quando nos fizerem falta!»

Como não havia camiões suficientes para transportar os aparelhos de perfuração, ele colocou-se à cabeça da equipa para levar e puxar as peças até à estação de perfuração. Sendo a água indispensável para este trabalho, escavaram com a ajuda de pás e de picaretas, um poço artesiano na pradaria sepultada sob a neve. Quando a perfuração atingiu uma camada permeável e a água do poço estava esgotada, Wang Kin-hsi mobilizou os membros da sua equipa para ir tirar a água de um lago gelado, a uns quinhentos metros de distância, com alguidares e baldes. Wang Kin-hsi comia e dormia na estação de perfuração e aí trabalhava muitos dias e noites a fio. Observando rigorosamente o princípio de confiança e de luta árdua, perfurou, à cabeça da equipa, o primeiro poço artesiano de petróleo da exploração petrolífera de Taking. Deste modo foi desmentido o absurdo das «sumidades» burguesas ocidentais, segundo o qual a China era pobre em petróleo. Foi um golpe fulminante simultaneamente aplicado ao imperialismo e ao revisionismo moderno.

«É verdadeiramente um 'homem de ferro'!» Eis como a população local fazia o elogio de Wang Kin-hsi e este apelido não tardou a espalhar-se por toda a estação.

Guiados pela linha geral do Partido, os trabalhadores de Taking estudaram assiduamente as obras do presidente Mao «Sobre a contradição» e «Sobre a prática», fizeram reinar o espírito do «homem de ferro», e em menos de três anos, puseram de pé um empreendimento petrolífero de primeira ordem, a nível mundial, justamente no local onde as «sumidades» burguesas estrangeiras tinham julgado impossível a presença de importantes jazigos de petróleo. Contribuíram assim consideravelmente para a nossa autosuficiência neste campo.

Em 1964, o presidente Mao lançou o apelo «*Que a indústria tome como exemplo a exploração petrolífera de Taking*». Muito encorajados os heróicos trabalhadores de Taking progrediram segundo a linha revolucionária proletária do presidente Mao, a passos ainda mais firmes e com uma maior combatividade.

Mas a luta entre as duas classes, as duas vias e as duas linhas nunca cessou na exploração petrolífera de Taking. Durante a Grande Revolução Cultural Proletária, um punhado de irredutíveis inimigos de classe tentaram abater esta bandeira vermelha pessoalmente içada pelo presidente Mao. Wang Kin-hsi manteve-se sempre na primeira linha de luta.

No decorrer da primavera de 1967, a luta de classes era muito aguda e muito complexa em Taking. Com um casaco de pele de carneiro sobre as costas, Wang voltou à estação do primeiro poço artesiano onde, abrindo o seu exemplar das «Citações» do presidente Mao Tsé-tung, estudou os ensinamentos do presidente Mao relativos à luta de classes, que lhe deram uma coragem e uma força imensas. Diz: «Taking foi edificada segundo os ensinamentos do presidente Mao; quem atacar a bandeira vermelha que é a exploração petrolífera de Taking será esmagado!» Percorreu Taking propagando a linha revolucionária do presidente Mao e, com as massas revolucionárias, desmascarou as conspirações criminosas do inimigo de classe, defendendo assim vitoriosamente esta bandeira bermelha.

A força do exemplo é inesgotável. Assimilando o espírito do «homem de ferro», os heróicos trabalhadores de Taking seguiram sempre em frente para vitórias ainda maiores. Ao longo destes dez últimos anos, não temendo as provações nem a morte, venceram a natureza, desenvolveram e engrandeceram sem cessar esse empreendimento. A expansão actual deste é de 2,5 vezes a de 1965, ano que precedeu a Grande Revolução Cultural; a produção de petróleo bruto assim como a capacidade de refinação duplicaram, e as normas fixadas no 3.° plano quinquenal foram terminadas dois anos antes do termo.

A equipa de perfuração 1205

Chegados ao acampamento da equipa de perfuração 1205, não víamos senão algumas barracas em pranchas desmontáveis que, semelhantes a comboios dos caminhos-de-ferro, formavam um pátio em forma de U. Sobre faixas, frente ao pátio, liam-se os ensinamentos do presidente Mao; «*Contar com as próprias forças*», «*Lutar duramente*». Quadros pretos colocados dos dois lados da estrada tinham artigos redigidos pelos trabalhadores e que falavam dos ensinamentos que eles

tinham tirado do estudo do pensamento maotsétung ou afirmavam a sua resolução de seguirem o exemplo de Wang Kin-hsi. Os altos guindastes elevaram-se próximo do pátio e as máquinas de perfuração roncavam sem parar.

No decurso dos últimos dez anos, a equipa deslocou-se diversas vezes no campo petrolífero de Taking com o guindaste, outro equipamento e as habitações transportáveis. A profundidade total da sua perfuração ultrapassou os 390.000 metros, ou seja, aproximadamente seis vezes a perfuração global realizada pela antiga China. Estimulada pela Grande Revolução Cultural Proletária, a equipa alcançou em 1966 o «record» mundial da perfuração anual de 100.000 metros.

A equipa segue sempre em frente. Depois de ter estabelecido o «record» mundial, os seus membros estudaram de novo conscienciosamente o ensinamento do presidente Mao:

«*Que os camaradas se mantenham modestos, prudentes, que não sejam nem presunçosos nem irreflectidos no seu estilo de trabalho, e que perseverem no seu estilo de vida simples e de luta árdua.*» Este ensinamento guiou-os no seu avanço vitorioso.

«As realizações ilustram somente o passado, mas não o presente e ainda menos o futuro, dizem eles. Seguiremos o ensinamento do presidente Mao recomendando que se façam esforços contínuos e que se siga sempre em frente». Apesar do frio rigoroso, em Janeiro de 1971, alcançaram sucessivos «records» ao perfurarem 570 metros por equipa, 1030 metros por dia e 8700 metros por mês, ultrapassando deste modo os «records» de perfuração no inverno.

A equipa é infinitamente fiel à nossa pátria socialista. Inteiramente devotados à revolução, os seus membros não cedem, quaisquer que sejam as dificuldades a enfrentar, e não se deixam entusiasmar pelos seus sucessos. Resistiram à prova de condições extremamente duras e prosseguiram a sua tarefa mesmo quando a sua vida corria perigo.

Num dia de Setembro de 1970, quando desciam a tubagem num poço artesiano perfurado, o travão encravou bruscamente. A máquina de perfuração de um peso superior a dez toneledas, não podendo ser controlada, caiu da grua de uma dezena de metros de altura, à velocidade de 6 a 8 metros por segundo. Um grave acidente poderia produzir-se em dois segundos. O perfurador Kao Kin-ying, que se encontrava nessa altura debaixo da máquina, não precisava de afastar-se mais do que alguns passos para escapar ao perigo. Contudo, deu um passo em frente e, com precisão, colocou à cabeça do poço artesiano uma cunha que servia para bloquear a tubagem. A cunha parou a máquina de perfurar, presa ao guindaste, dois metros acima da sua cabeça. Protegeu deste modo os bens do Estado e a vida dos seus companheiros de armas.

O jovem operário Kao-Kin-ying manteve-se constantemente junto dos operários veteranos para estudar assiduamente as obras do presidente Mao. Diz-nos frequentemente: «O Presidente Mao ensina-nos que *"morrer por ele (o povo), é dar à nossa morte todo o seu significado"*. Pela Revolução, nós, operários da indústria petrolífera, jamais recuaremos um só passo diante da morte!» Pela sua acção concreta compôs um canto

de combate em glória dos trabalhadores do petróleo que não temem as provações nem a morte.

A Refinaria de petróleo de Taking

A refinaria de petróleo de Taking é uma grande empresa moderna construída no começo dos anos 60, pelas nossas próprias forças, e acabada e posta ao serviço num ano e meio. Depois do começo dos anos 70, esta fábrica conheceu novas mudanças.

Os operários contaram-nos os que se segue:

O equipamento da oficina n.º 2 de destilação atmosférica no vazio era de um nível avançado nos anos 60. Esta oficina ultrapassou todos os anos o nível de produção e criou uma quantidade enorme de riquezas para o Estado.

Com a chegada dos anos 70, os trabalhadores de Taking levaram mais longe o movimento de massas para o estudo dos brilhantes ensaios filosóficos do presidente Mao, fazendo assim progredir sem cessar a revolução e a produção. Nestas circunstâncias, os operários da dita oficina puseram uma questão: «Não poderia a nossa refinaria de petróleo moderna trazer uma contribuição ainda maior ao Estado?» Seguiram-se discussões animadas. Depois de terem estudado «Sobre a contradição» e «Sobre a prática» do presidente Mao e procedido a inquéritos e investigações aprofundados, avançaram audaciosamente a proposta revolucionária de renovar o equipamento de destilação atmosférica no vazio.

Alguns defendiam que o equipamento em questão tinha «um modelo fixo» e que se punha a trabalhar à sua «capacidade máxima». Os operários declararam pelo seu lado: «*Nos domínios da luta pela produção e experimentação científicas, a humanidade jamais cessará de progredir e a natureza de desenvolver-se, jamais pararão a um certo nível*». A alegação segundo a qual «o equipamento tem um modelo fixo e dá a sua capacidade máxima» é contrária a este ensinamento do presidente Mao tal como à dialéctica materialista. Parte de um ponto de vista metafísico próprio da burguesia. O operário veterano Wang Teh-jouen disse: «Ter ou não a audácia de transformar o equipamento avançado é uma questão importante que se resume em saber se se ousa ou não *tomar uma via de desenvolvimento industrial que nos seja própria.* Não ousar fazer a revolução significa pôr-se ao reboque dos outros!»

O «comité» revolucionário da refinaria aprovou esta proposta. Um grupo encarregado dos planos, tendo por chefe Wang Teh-jouen e compreendendo quadros, técnicos e operários, formou-se para este efeito. Ao mobilizar as massas para que elas tragam o seu contributo e ao fazer inquéritos e investigações mais aprofundados, o grupo acabou por aperfeiçoar o equipamento avançado de destilação atmosférica no vazio ao fim de mais de 40 dias de trabalhos efectuados segundo o projecto meticulosamente elaborado por ele em três meses. A sua capacidade aumentou 73 %. Este sucesso estimulou energicamente o desenvolvimento da produção de toda a refinaria. Por exemplo, as oficinas de desparafinagem, de redestilação e de trabalhos em platina viram a sua produção duplicar.

Nesta refinaria moderna, vimos ainda diversas oficinas pequenas trabalhando com desperdícios. Citemos entre eles uma pequena oficina de adubos químicos posta a trabalhar por ex-donas de casa.

Depois de ter sido utilizado por uma oficina da refinaria, o catalizador era sempre considerado como um fardo. Os operários deviam ir despejá-lo num charco a uma grande distância da oficina, para evitar que o cloro exalado envenenasse os homens e os animais. E agora, este tornou-se um «tesouro». Utilizando-o como matéria-prima, as ex-donas de casa produziram para o Estado, nestes últimos anos, uma quantidade enorme de adubo com larga percentagem de fosfatos. Contando com as suas próprias forças, eles puseram de pé diversas fábricas de indústria ligeira ou química — uma fábrica de velas, uma fábrica de regeneração de óleo usado, uma fábrica de sabão, uma fábrica de ampolas eléctricas e uma fábrica de produtos farmacêuticos. Utilizando os gases perdidos, os líquidos usados e os resíduos da refinaria, criaram todos os anos uma grande quantidade de riquezas para o Estado.

A génese do «burgo dos pioneiros»

O campo petrolífero de Taking possui ao mesmo tempo características de cidade e de campo. Ao mesmo tempo que se entregam principalmente à indústria, os operários participam igualmente na agricultura e nas ocupações subsidiárias. E os membros das suas famílias, embora se consagrem principalmente à agricultura e às ocupações subsidiárias, fazem funcionar certas pequenas oficinas. Taking assemelha-se ao mesmo tempo a uma aldeia urbana e a uma cidade rural.

Nestes últimos dez anos, os homens de Taking construíram, na pradaria, dezenas de bairros de habitação que, no interesse da produção e da vida dos habitantes, combinam a indústria com a agricultura e reúnem as características da cidade e do campo. Estes bairros são chamados burgos industriais-agrícolas. Um deles é o «burgo dos pioneiros».

Este compreende uma aldeola central e «diversas pequenas aglomerações próximas que a cercam. Ao redor da aldeola e destas aglomerações estendem-se campos cuidadosamente cultivados. Na aldeola central encontram-se armazéns, escolas, armazéns de cereais, o posto de correio, a clínica, jardins de infância, estabelecimentos de banhos, salões de cabeleireiros, serviços de reparação de postos de rádio, de bicicletas e de outros artigos, moagens, armazéns de azeite, oficinas de preparação de queijo e de molho de soja, vinagraria, estação de tractores e estação meteorológica.

Os recém chegados à «aldeia dos pioneiros» não podem imaginar que há dez anos não existia aí senão uma região deserta onde os lobos faziam de vez em quando a sua aparição. Em 1960, quando os operários e os membros das suas famílias aí chegaram, vindos de todas as partes do país, esta terra, até aí inculta, estava oculta sob a neve. Tendo estudado o ensinamento do presidente Mao: «*Tremerão os chineses diante das dificuldades, quando a própria morte não lhes mete medo?*», lutaram noite e dia, a despeito de

uma temperatura de diversas dezenas de graus abaixo de zero, determinados a explorar o campo petrolífero e a quebrar o bloqueio do inimigo. As mulheres dos operários declararam: «Quaisquer que sejam o trabalho e as dificuldades que nos esperam, nós não temos medo. Os operários da indústria petrolífera são combatentes intrépidos, e as suas mulheres são-no também».

Siué Kouei-fang, uma mulher próxima dos cinquenta anos, e outras quatro tomaram a resolução de desbravar a terra. Com os fardos às costas e as pás aos ombros, foram instalar-se numa tenda na pradaria. Levantavam-se todos os dias antes da aurora, trabalhavam a terra, pazada sobre pazada, apesar do frio e dos ventos de areia, alumiando assim a primeira chama da revolução para as mulheres operárias. Organizaram-se e com o concurso dos operários, desbravaram vastas extensões de terra. Por falta de alojamentos, construíram elas próprias casas de terra amassada (adobe) e levantaram uma após outra as vilas industriais-agrícolas onde vivem os operários da indústria petrolífera. Foi assim que foi edificado o «burgo dos pioneiros». Aí a superfície das construções é de cerca de 30.000 metros quadrados, o que permitiu não só resolver a questão do alojamento, mas também abrir três escolas e uma clínica de cinquenta camas, estabelecer uma estação de tractores e centros de serviço para os habitantes. A 7 de Maio de 1966, o presidente Mao deu a seguinte directiva: «*Os operários consagrar-se-ão principalmente à produção industrial, ao mesmo tempo que se instruem nos domínios militar, político e cultural. Devem igualmente participar no movimento de educação socialista e criticar a burguesia. Onde as condições o permitam, trabalharão também na produção agrícola e nas produções subsidiárias, segundo o exemplo dos operários da exploração petrolífera de Taking*». Quando esta directiva chegou a cada canto de Taking, os habitantes do «burgo dos pioneiros» foram, como os outros, consideravelmente encorajados e a sua determinação de seguir a via indicada pelo presidente Mao na sua directiva de 7 de Maio foi reforçada. Combatendo de acordo com os outros operários e suas mulheres, estigmatizaram a fundo o absurdo difundido por Liou Chao-chi que dizia que os operários de Taking, ao entregarem-se à produção agrícola e às condições subsidiárias, iam ao encontro da «divisão social do trabalho»; derrubaram a sua conspiração de conduzir na via capitalista o trabalho produtivo colectivo das antigas donas de casa. Persistindo numa justa orientação política e fazendo reinar o espírito revolucionário de lutar duramente, transformaram o seu bairro de habitação numa sólida fortaleza do socialismo. Além da sua contribuição para o desenvolvimento da indústria petrolífera, amanharam 534 hectares de terra e criaram colectivamente numeroso gado. Na época, Siué Kouei-fang e outras quatro mulheres, tinham começado o empreendimento com cinco pás. Agora os habitantes do «burgo dos pioneiros» possuem dez tractores, duas ceifeiras debulhadoras, um camião e outras máquinas e utensílios agrícolas. Persistem todos os dias no estudo do pensamento maotsétung, instruem-se sobre o plano cultural e militar e participam também na crítica revolucionária de massas. Por toda a parte nesta povoação reina uma atmosfera revolucionária dinâmica.

As antigas donas de casa do «burgo dos pioneiros» continuam fiéis ao espírito de luta árdua. Decididos a recolher uma boa colheita, em 1970, levantavam-se de madrugada para apanhar estrume. Os veículos faziam falta, os habitantes da povoação, homens e mulheres, velhos e jovens, foram todos mobilizados e transportaram o estrume com a ajuda de cestos, de varas, ou por meio de carroças. Em poucos dias, um milhar de toneladas tinha sido transportado para os campos. Daí resultou uma recolha abundante: o rendimento unitário de cereais duplicou em relação ao ano precedente e a produção de legumes também quase duplicou. Siué Kouei-fang declarou: «Devemos fazer a revolução a vida inteira, e não momentaneamente. Devemos trabalhar duramente de geração em geração e seguir sempre a linha revolucionária do Presidente Mao».

A FORÇA-MOTRIZ DAS EXPLORAÇÕES HERÓICAS

Na região de Taking, que no princípio não era mais do que uma vasta extensão deserta, encontram-se hoje inúmeros guindastes e poços artesianos em funcionamento. Taking tornou-se uma grande e moderna exploração petrolífera de primeira importância na China.

Durante a Grande Revolução Cultural Proletária este empreendimento deu um grande salto em frente. Em 1970, com um aumento de uma vez e meia em petróleo bruto, em relação a 1965, realizou dois anos antes do prazo a norma fixada pelo 3.° plano quinquenal. Em 1971 a produção de petróleo bruto aumentou 20 % em relação ao ano anterior. A sua capacidade de refinação inicial duplicou e a sua utilização integral na indústria petroquímica desenvolveu-se progressivamente, a partir do zero.

Este sucesso é devido ao estudo e à aplicação do marxismo, do leninismo e do pensamento maotsétung pelos operários de Taking.

Pegar o touro pelos cornos

Em 1960, o nosso país, que sofria graves calamidades naturais, teve de fazer face a uma frenética campanha anti-chinesa do imperialismo e do revisionismo moderno, à qual se juntaram as interferências e sabotagens de Liou Chao-chi e companhia. Foi então que o nosso governo decidiu começar a explorar o campo petrolífero de Taking. O brusco afluxo de milhares e milhares de operários a esta pradaria deserta complicou singularmente as condições de vida, e a penúria de equipamentos, de materiais e de meios de transporte era de modo a dificultar as coisas. Devia-se abordar as dificuldades sem espírito de recuo ou bater em retirada. Sobre o que é que se deveriam apoiar para edificar uma grande exploração petrolífera moderna?

Liou Chao-chi e o seu bando fizeram tudo o que puderam para impedir as massas de estudarem as obras do presidente Mao, o que não impediu que a primeira decisão tomada pelo comité do Partido do campo petrolífero fosse chamar todos os operários e trabalhadores a estudar «Sobre a prática» e Sobre a «contradição», obras do presidente Mao, e a utilizar os pontos de vista do materialismo dialéctico para analisar e resolver as contradições aparecidas no decurso da edificação do campo petrolífero.

Próximo das altas gruas como no interior das tendas sacudidas pelo vento, sobre o solo coberto de gelo e de neve como nas escavações, os operários, quadros e técnicos de Taking, em grupos de três ou quatro, estudavam conscienciosamente as obras do presidente Mao. As discussões eram animadas e o movimento de estudo tomou rapidamente o seu impulso.

Educados pelo pensamento maotsétung e animados pelos nobres sentimentos revolucionários, Wang Kin-hsi, «o homem de ferro» que não teme nem as provações nem a morte, e muitos outros heróis da sua têmpera lançaram-se na batalha para pôr de pé a exploração petrolífera.

Uma noite, sentados ao redor de um fogo de campo, Ma Teh-jem, chefe da equipa de perfuração n.° 1202 e outros perfuradores estudavam em conjunto «Sobre a contradição». Fazendo realçar todos os termos, Ma Teh-jem lia esta passagem: «Num processo de desenvolvimento complexo de uma coisa ou de um fenómeno, existe toda uma série de contradições; uma delas é necessariamente a contradição principal, cuja existência e o desenvolvimento determinam a existência e o desenvolvimento das outras contradições ou agem sobre elas». Segundo este ensinamento do presidente Mao, analisaram as contradições às quais tinham que fazer face. Ma Teh-jem disse: «Certamente, o alojamento, a alimentação, e a falta de equipamentos, de materiais e de meios de transporte constituem inúmeras contradições, mas de todas as contradições a principal, é que a nossa produção petrolífera está longe de poder cobrir as necessidades do Estado.

Procurando fazer da China um mercado permanente para o seu petróleo, o imperialismo enviou por diversas vezes, antes da Libertação, geólogos «especialistas» para a China para procederem a «estudos». Estes afirmaram de modo arbitrário que «na maior parte das

regiões da China os tipos e a idade das rochas excluem a existência de jazigos de petróleo»; daí tiraram uma conclusão absurda: «A China é pobre em petróleo». O revisionismo moderno teve o mesmo propósito e tentou criar-nos dificuldades com o petróleo. Indignado, Ma Teh-jem denunciou-os e protestou contra as suas afirmações. Ele diz: «Vencendo todas as espécies de dificuldades, os perfuradores chineses conseguiram descobrir aqui um imenso campo petrolífero».

Com o rosto colorido pelas chamas do fogo de campo, continuou com entusiasmo: «Camaradas, existe petróleo sob os nossos pés. Se não pegamos o touro pelos cornos e não resolvemos a contradição principal, continuaremos a sofrer humilhações do imperialismo e do revisionismo moderno».

O estudo e as discussões fortaleceram a vontade dos perfuradores de pôr de pé uma grande exploração petrolífera apesar de todas as dificuldades.

Tendo sabido que apesar da insuficiência de meios de elevação e de transporte, «O homem de ferro», à cabeça da sua equipa de perfuração 1205, conseguiu instalar as máquinas à força de braços, Ma teh-jen e os membros da sua equipa não tardaram a fazer o mesmo, e um poço artesiano foi rapidamente perfurado. Os seus ombros e mãos estavam feridos mas diziam com optimismo: «Para libertar a nossa indústria petrolífera da sua fama de 'atrasada' as piores provações constituem para nós uma fonte de alegria».

Poços artesianos foram perfurados um após outro. À cabeça dos operários, Siué Kouo-pan, chefe da equipa de extracção, pôs mãos à obra. Mas onde poderiam eles armazenar o petróleo extraído, uma vez

que não havia reservatórios? Nessa altura cavaram no próprio local grandes fossas onde se despejava a nafta, negra e espessa. Quando os comboios-cisternas chegaram, pôs-se o problema do carregamento, pois as bombas não tinham potência suficiente para tirar das fossas o petróleo bruto que se tinha solidificado. Reunindo os seus conhecimentos, Siué Kouo-pan e os membros da sua equipa puseram a funcionar um aparelho de aquecimento pelo vapor. Constatando que o petróleo perto das bordas do poço se tinha liquefeito enquanto que no centro continuava sólido como uma «fortaleza», Siué Kouo-pan saltou para o fosso com o aparelho de arrefecimento para atacar a fortaleza.

E em breve, as bombas ruidosas fizeram entrar à pressão o petróleo nos comboios-cisternas, e ao fim de quatro dias e quatro noites de trabalho árduo, o primeiro comboio carregado de petróleo bruto saiu de Taking.

Um dia, declarou-se um incêndio num reservatório de armazenagem contendo vários milhares de toneladas de petróleo. O chefe da equipa de conservação Hsi Houa-ting recorda-se das brilhantes imagens de Tchang Se-teh e de Norman Béthune, esses grandes combatentes comunistas. Desafiando o perigo, subiu ao cimo do reservatório, despiu o seu fato-macaco, colocou-o sobre o edifício de ventilação e sentou-se em cima. Deste modo o fogo foi dominado e evitou-se um grande acidente.

Graças à sua firme vontade e a um espírito de trabalho árduo, estes operários armados do pensamento maotsétung conseguiram vencer toda a espécie de

dificuldades e iniciaram a exploração do campo petrolífero.

Tomar de assalto a fortaleza da ciência e da técnica

O estudo das obras do presidente Mao permitiu aos operários e aos técnicos combinar um espírito revolucionário elevado com uma atitude rigorosamente científica, descobrir os segredos do subsolo dos campos petrolíferos, e resolver eficazmente um grande número de problemas científicos e técnicas importantes na exploração dos jazigos de minérios.

Conhecer as camadas de petróleo tal como são, e assimilar as leis que registam as suas metamorfoses são outras tantas condições prévias para uma exploração frutuosa. Estando as camadas de petróleo profundamente escondidas no subsolo e sendo susceptíveis de mudanças imprevisíveis, certos sábios burgueses pensaram que era impossível ter um conhecimento preciso. Um geólogo apresentou «nove dificuldades maiores» e afirmou que era inútil querer o impossível. Confiando nesta afirmação certos geólogos burgueses consideraram as camadas de petróleo, que podem ter as estruturas mais variadas, como entidades iguais. Fundamentando-se nos poucos dados e informações tiradas da prospecção, recorreram a cálculos médios feitos em função das camadas presumidamente espessas, para elaborar planos de exploração. Não sendo conhecida a estrutura das camadas de petróleo, resultava que desde o princípio a exploração sofria reveses.

Fiéis aos ensinamentos do presidente Mao, os operários e técnicos de Taking, estão prontos a «romper o quadro das fórmulas estrangeiras e a tomar uma via de desenvolvimento industrial que lhes seja própria». O «comité» do Partido do campo petrolífero encorajou as massas a desencadear um movimento para descobrir o segredo das camadas petrolíferas do subsolo.

Os homens de Taking tinham a firme convicção de que as camadas de petróleo, qulaquer que pudesse ser a sua complexidade, deviam ser governadas por leis objectivas, as quais poderiam ser conhecidas, se assiduamente estudadas. Procedendo ao estudo do campo petrolífero por camadas delgadas com vista a obter o maior número possível de ensinamentos e de dados, entregaram-se a uma análise minuciosa. Para dispor de dados mais numerosos em primeira mão, os técnicos deixaram os seus centros de investigação para irem viver e combater ao lado dos perfuradores, apesar do calor abafado e do rigoroso frio invernal. Cada vez que se efectuava uma sondagem, recolhiam do subsolo 20 espécies de informações e 72 dados numéricos.

Um dia, um grupo pertencente à equipa de perfuração n.º 3249 esforçava-se na extracção de um filão de 6 metros de comprimento, quando um bocado com o comprimento de uma polegada caiu acidentalmente no fundo do poço artesiano. Muito inquieto, o chefe do grupo Fang Yong-houa disse: «A perda de uma polegada do filão torna a nossa percepção das camadas geológicas menos científica e traz-nos mais uma dificuldade ao nosso trabalho». Nessa altura os operários resolveram recuperá-la. O chefe da equipa esforçou-se

em vão por fazê-los ir descansar, e o instrutor político teve de resignar-se a ver o arrefecimento da refeição que lhes tinha trazido. Só tinham uma ideia: recuperar o pedaço perdido. Não foi senão ao fim de 20 horas de luta que conseguiram o seu objectivo graças a um trato especial.

Foi com uma determinação muito firme que os homens de Taking recolheram filões com um rendimento de 95 %, até mesmo de 100 % num grande número de sondagens. Conseguiram extrair filões que totalizavam um comprimento de diversos quilómetros, registaram diversas dezenas de milhares de quilómetros de curvas relativas às diferentes camadas geológicas, e obtiveram do subsolo centenas de milhares de dados.

Analisaram não só as camadas de petróleo pouco importantes para conhecer as leis que regem a sua transformação, mas também as relações entre elas. Fizeram a análise dos pedaços de terra muitas centenas de milhar de vezes seguidas, estudaram no laboratório muitos milhões de análises e compararam as camadas geológicas dezenas de milhões de vezes. Tudo isto lhes permitiu assimilar ainda melhor as leis que regem as metamorfoses das camadas petrolíferas.

Depois de trabalho considerável de investigação científica, os operários de Taking adquiriram um conhecimento perfeito das camadas de petróleo no que diz respeito à sua profundidade, às pressões que suportam assim como à sua permeabilidade, exactamente como se tivessem percorrido o subsolo.

Uma bandeira vermelha

Taking produziu petróleo, acumulou experiência e formou muitos quadros, dando assim uma contribuição notável para a edificação do socialismo na China. Em 1964, o presidente Mao lançou este apelo: «*Que a indústria tome como exemplo a exploração petrolífera de Taking*», e esta tornou-se um exemplo para a nação inteira.

Como é que os homens de Taking encaravam as suas vitórias, as honras e os elogios que lhes faziam? «o homem de ferro», Wang Kin-hsi, representante eminente da classe operária de Taking, disse: «Devemos atribuir os nossos sucessos ao Partido, ao presidente Mao e ao povo de todo o país. Não devo utilizar a minha agenda senão para aí tomar nota das minhas insuficiências.»

Iluminados por este ensinamento do presidente Mao: «Um divide-se em dois», os homens de Taking aplicaram-se na descoberta das suas lacunas perante os sucessos, e a serem ainda mais modestos perante as honras. A direcção do campo petrolífero encorajou as largas massas a melhorarem aquilo que ainda deixava a desejar. Um operário afadigava-se a soldar uma tubagem; uma rajada de vento projecta alguns grãos de areia na direcção da sondagem. Sabendo que isso pode afectar a qualiddade do seu trabalho e posteriormente provocar escorrimentos e fugas de gás, corta a conduta no local soldado para eliminar os grãos de areia, e depois junta os dois pedaços. Eis um exemplo que mostra até que ponto os operários são exigentes

em relação a si próprios no desejo de fazer sempre e cada vez melhor o seu trabalho.

Durante a Grande Revolução Cultural Proletária, os homens de Taking apoiaram o desenvolvimento do movimento de massas para o estudo das obras do presidente Mao. Com o pensamento maotsétung como arma, estigmatizaram a linha revisionista contra-revolucionária de Liou Shao-shi e desmontaram as sabotagens do inimigo de classe que recorria a acções de «esquerda» na aparência mas de direita na realidade, defendendo com sucessos notáveis a linha revolucionária proletária do presidente Mao. Hoje Taking eleva ainda mais alto a bandeira vermelha.

Aplicando firmemente a directiva do presidente Mao: «*Fazer a revolução e promover a produção*», os membros da equipa de perfuração n.° 1205, dirigida outrora pelo homem de ferro», «Wang Kin-shi, estão resolvidos a perfurar 100.000 metros por ano. Não é uma coisa fácil, quando se pensa que na antiga China, se perfurou ao todo cerca de 70.000 metros em 42 anos.

Os perfuradores da eqquipa n.° 1205 suportam uma temperatura de mais de 30° abaixo de zero. Não temendo as provações nem a fadiga, trabalham continuamente. A perfuração não corre como eles queriam, o trado deteriora-se frequentemente e perdem o apetite e o sono. Sentados em círculo, estudam «*Sobre a prática*» e discutem com entusiasmo. Depois de terem estudado uma citação do presidente Mao um velho operário chamado Wang Tsouo-fou faz notar: «Não assimilámos bem as leis da geologia e não temos utilizado métodos diferentes para fazer face às diferentes

condições geológicas. Tudo o que fizemos, foi redobrar os esforços para perfurar rápida e energicamente. Essa é a razão pela qual o trado se estraga quando chegamos às camadas duras».

Com o objectivo de conhecer a distribuição e a posição exacta dos diferentes extractos geológicos nesta região, ficam dia e noite diante do recipiente contendo a lama retirada do fundo do poço artesiano, para aí encontrar fragmentos de rocha a enviar para a análise no laboratório. Baseando-se na sua experiência prática, conseguiram encontrar uma série de métodos para uma perfuração flexível e rápida, o que permite não somente proteger os trados mas ainda acelerar a perfuração.

Constatando que o trado respondia mal às necessidades aplicam-se todos no seu aperfeiçoamento. Alguns camaradas que não sabiam desenhar fabricaram num mês mais de 40 modelos de trados em argila talhando nabos ou bocados de madeira. No fim de análises gerais e de repetidas experiências, puseram a funcionar cinco novos tipos de trados adequados a uma perfuração rápida.

Finalmente estabeleceram um «record» ao perfurarem 100.100 metros por ano.

Os operários da oficina de coque por retardamento da refinaria de Taking manejam com delicadeza a árvore de perfuração sobre a plataforma de uma alta torre de coque. O trado parte em mil bocados o bloco colossal de coque, os quais são em seguida enviados do fundo do forno para o entreposto. Os operários de Taking utilizam microcortadores de coque de um nível avançado de fabrico, para um trabalho a alta velocidade.

Copiados segundo certos modelos estrangeiros, os cortadores que utilizavam outrora eram pesados, incómodos e de fraco rendimento. Para extrair uma fornada de coque, tinham de utilizar sucessivamente três espécies de cortadores. Cada mudança provocava um trabalho fatigante e difícil, sem falar do tempo desperdiçado. Este estado de coisas preocupava-os muito. Inspirados por este ensinamento do presidente Mao: «Não podemos utilizar os caminhos explorados do desenvolvimento técnico seguidos pelos outros países», propuseram-se a renovar as cortadoras. Um grupo de experimentação da tripla união composta por operários, técnicos e quadros foi imediatamente formado. Depois de diversas tentativas, puseram finalmente a funcionar a cortadora em questão que, substituindo as três antigas, pesa dez vezes menos que uma só das cortadoras antigas e leva quatro vezes menos tempo para terminar uma fornada de coque.

Desde o início da Grande Revolução Cultural, a exploração petrolífera de Taking, introduziu mais de 1.200 inovações técnicas entre as quais algumas atingem um nível avançado no país e no estrangeiro.

Em 1971, primeiro ano do 4.° plano quinquenal para a edificação da economia nacional do nosso país, Taking tinha realizado cem dias antes do fim do prazo o plano de perfuração para o ano. Agora Taking continua sempre a avançar a passos de gigante.

UM SÉRIO TRABALHO POLÍTICO E IDEOLÓGICO

Próximo de um guindaste, os perfuradores afadigam-se no trabalho, no meio do barulho dos motores. Alguns soldados do Exército Popular de Libertação fazem rodar com os operários tubos de perfuração.

Eis-nos na estação da equipa 1268 dos campos petrolíferos de Taking. Desde a sua constituição, em 1966, a equipa convidou os comandantes e os combatentes duma companhia do E.P.L. para virem comunicar-lhe a sua experiência no trabalho político e ideológico. Com uma boa condução do trabalho, esta jovem equipa que trabalha com uma velha perfuradora dos anos 40, conseguiu em menos de seis anos, perfurar mais de 220.000 metros, ou seja três vezes aquilo que foi feito em quarenta e dois anos no tempo da velha China.

No decurso do movimento de massas para seguir o exemplo do Exército Popular de Libertação, os trabalhadores de Taking viram surgir entre eles numerosas colectividades de vanguarda do género da equipa de perfuração 1268.

O Exército Popular de Libertação possui a arma do marxismo-leninismo, do pensamento maotsétung. Depois de 1929, o presidente Mao redigiu, em honra da Nona Conferência da Organização do Partido para o 4.° Corpo do Exército Vermelho, a resolução intitulada «*Sobre a eliminação das concepções erradas no seio do Partido*», que permitiu fundar o Exército Vermelho inteiramente na base do marxismo-leninismo. Seguindo a linha fundamental determinada por esta decisão, o Exército do povo chinês desenvolveu muito o trabalho do Partido e o trabalho político no seu seio, durante estas últimas dezenas de anos. O E.P.L. educa os seus dirigentes e combatentes com o marxismo-leninismo e o pensamento maotsétung, a fim de elevar a sua consciência de classe e exaltar o seu espírito revolucionário.

A administração dos campos petrolíferos de Taking dedica-se a assimilar desde o início a experiência do Exército Popular de Libertação no que diz respeito ao trabalho político e ideológico. Constituiu departamentos políticos em todos os escalões, sistema de trabalho político e tomou numerosas medidas para reforçar a educação política e ideológica.

A política colocada em primeiro plano na produção

A equipa feminina de extracção constituída no ano passado não tem senão duas veteranas: a instrutora política e a chefe. Todo o resto do pessoal, entre os quais algumas dirigentes, é formado por aprendizas recém-saídas da escola, cuja idade média é de 21 anos.

Segundo o costume, só ao fim de três anos de aprendizagem as novas recrutas estão habilitadas a ocuparem-se dos poços artesianos. Como se deve agir com uma equipa tão inexperiente?

Algumas de entre elas duvidavam das suas próprias capacidades ao tomarem conhecimento da complexidade das camadas terrestres e das dificuldades que representa o bom funcionamento de um poço artesiano de petróleo. Outras diziam que dominar a técnica era a chave de tudo. Os dirigentes da célula do Partido consideravam, pelo contrário, que em todas as circunstâncias a política deve ser colocada em primeiro plano, tanto na técnica como na produção. Organizaram para a equipa o estudo do ensinamento do presidente Mao: «*É a política que comanda; ela é a alma de tudo*», assim como uma crítica aprofundada dos absurdos revisionistas de Liou Chao-chi tais como: «a técnica antes de tudo», «o trabalho profissional em primeiro plano». Convidaram veteranos para virem contar o caminho percorrido desde o início da exploração dos campos petrolíferos. Estes explicam às novas recrutas que se Taking era um triunfo o mérito não se devia exclusivamente à técnica mas ao marxismo-leninismo, ao pensamento maotsétung assimilados pelas massas, o que estimulou o espírito revolucionário e pôs em movimento todos os factores positivos. «Se se quer fazer funcionar impecavelmente um poço artesiano, sublinharam eles, é necessário, em primeiro lugar, enraizarem o espírito de servir o povo total e integralmente».

As exposições das veteranas constituem sempre uma educação excelente para as jovens operárias. Isso permite-lhes compreender toda a importância da ex-

tracção do petróleo e fortalecer nelas a confiança de chegar a realizar perfeitamente o seu trabalho.

São unânimes em dizer que cada gota de petróleo bruto que extraiem é um reforço na edificação socialista da pátria, e que quanto mais patróleo elas produzirem tanto mais força darão ao país. Apercebem-se de que os pequenos pedaços extraídos estão em relação directa com a edificação do país.

Havia um poço artesiano do qual a equipa incumbida apresentava um grave problema: o depósito de parafina dificultava a produção; era considerado como um quebra-cabeças, face ao qual não havia muito a fazer. As jovens declararam: «É um facto que um poço artesiano continuará a ser o que é, mas é a nós que compete tomar medidas. Não há poços artesianos irreparáveis!». Incansáveis nas suas investigações, acabaram, através da prática, por encontrar toda uma série de medidas para remediar o depósito de parafina garantindo assim o bom funcionamento do poço artesiano.

Ao fim de apenas um ano, as jovens operárias estavam aptas a trabalhar sem mestres.

A medida da pressão dos poços artesianos, trabalho técnico complicado, era outrora assegurada por uma equipa especializada. Contudo, como os poços se multiplicavam, a equipa tinha falta de pessoal. Com o objectivo de produzirem mais petróleo, as operárias encarregadas da extracção pediram autorização de se incumbirem também dessa tarefa. Yin Tsai-hsia, membro da juventude comunista, assim como outras duas operárias formaram um grupo de medição de pressão e pediram aos operários veteranos que lhes ensinassem

a técnica. Os fracassos de início não as fizeram recuar e acabaram por dominar este processo.

A educação ideológica

O essencial, seguindo o exemplo do E.P.L., consiste em empreender a educação do homem baseando-se no marxismo-leninismo e no pensamento maotsétung. A formação de Tchang Sieou-tche, chefe adjunto da equipa 1205, que é considerado como um modelo na revolucionalização, é a melhor prova disso.

Aos 11 anos, ainda jovem aprendiz, veio tomar parte no começo da exploração dos campos petrolíferos de Taking com Wang Kin-hsi que era então o seu chefe. Face às duras condições, hesitara por um momento: falar em perfurar poços artesianos quando nem sequer se tem um local para habitar! Como se pode pensar no futuro quando se vive permanentemente na lama e no sebo! Wang Kin-hsi, que adivinhara os seus pensamentos, tomou a seu cargo formá-lo, conforme os ensinamentos do presidente Mao que deseja que se empreenda particularmente a educação de classe dos jovens a fim de elevar a sua consciência política. Falou-lhe da existência miserável que tivera na antiga sociedade. Com a idade de 15 anos, começara a trabalhar nos campos petrolíferos de Yumen onde, como aprendiz, passava os dias a brocar e a transportar pedras. Dez anos se passaram assim sem que ele tivesse posto alguma vez os pés na plataforma de perfuração. A sua alimentação reduzia-se a um pão de farinha, a sua habitação a uma gruta de paredes meio desmoro-

nadas, a sua roupa a alguns pedaços de pele de carneiro, sem falar nas chicotadas do contra-mestre que se abatiam sobre ele por tudo e por nada.

É com emoção que «o homem de ferro» lhe diz: «Agora, já não há quem nos oprima. Os mestres encarregam-se de nos ensinar o ofício desde a vossa chegada, e vocês beneficiam, além disso, do seguro de trabalho com o qual nós não teríamos sequer ousado sonhar outrora. Uma vez que somos agora senhores do país, é necessário agir em conformidade: valorizar estes campos petrolíferos! É um posto glorioso o que ocupas!» A educação do chefe de equipa despertou a consciência de classe de Tchang Sieou-tche. Depois de diversas noites passadas a reflectir, ele resolveu tornar-se *«um homem de sentimentos nobres, íntegro, um homem de elevada moral, liberto de interesses mesquinhos, um homem útil ao povo»*. Desde logo, seguiu o seu chefe sempre e por toda a parte, e sobretudo onde surgiram as maiores dificuldades. Uma vez, como tinha os pés inchados, fecharam-no no domitório para o obrigar a descansar. Mas, achando que o seu estado estava longe de justificar uma tal precaução, encontrou um meio de abrir a porta, assim que os camaradas partiram, e dirigiu-se directamente ao poço artesiano.

Um estilo revolucionário

Ao associarem o excelente estilo de trabalho do E.P.L. que assimilaram às particularidades do trabalho nos campos petrolíferos, os trabalhadores de Taking criaram um estilo de trabalho revolucionário que lhes

é próprio, nomeadamente: falar e agir honestamente; ser severo em relação a si próprio; ter uma organização coesa; uma atitude séria; uma disciplina rigorosa. Um tal estilo de trabalho revolucionário é indispensável a um contingente de trabalhadores revolucionarizados.

O cuidado com o qual trabalha Sin Yu-ho, chefe da equipa de extracção n.° 4, é um exemplo disso. O fio de aço que serve para raspar a parafina nos poços artesianos de extracção, por exemplo, não pode ter a mínima fissura, de outro modo correr-se-ia o risco de se romper. Mas detectar uma fissura não é um trabalho fácil, pois devido ao facto do fio estar untado com uma leve camada de lubrificante, é quase impossível consegui-lo fazer a olho nu. Sin Yu-ho, não recua perante uma tal dificuldade; todas as vezes antes de proceder à lubrificação, examina o fio à lupa, centímetro por centímetro, e isto ao longo do ano, o que lhe permitiu descobrir por diversas vezes riscos de ruptura, e assegurar assim um bom nível de produção. Sob a sua chefia, a sua equipa tornou-se um exemplo nos esforços desenvolvidos à escala do empreendimento para «fazer do cuidado no trabalho um hábito».

Existe um poço artesiano que, depois de começado a funcionar, tivera sempre uma produção ao mesmo tempo estável e elevada. Mas eis que um dia se constatou uma ligeira flutuação de pressão. Os três jovens operários que estavam encarregados dele não lhe deram uma especial atenção, pensando que isso não podia afectar a produção. Mas logo que isso chegou aos ouvidos de um operário veterano, ele disse-lhes: «Nós aqui temos o hábito de dizer que mais vale uma coisa perfeita que 99 razoáveis...». Os jovens com-

preenderam então que tinham feito mal em não terem um estilo de trabalho cuidadoso. Imediatamente, percorreram mais de 50 quilómetros para irem ao instituto de investigações geológicas assim como a outros cinco serviços onde estudaram milhares e milhares de dados e procederam juntamente com técnicos e operários, a mais de uma centena de análises das camadas terrestres, o que lhes permitiu descobrir a razão da flutuação da pressão e tomar medidas técnicas que normalizaram a pressão. Este incidente teve como resultado enraizar mais o estilo de trabalho sério e cuidadoso nos jovens operários.

A experiência de trabalho político e ideológico do E.P.L. assimilado pelos trabalhadores de Taking permitiu exercitar um contingente revolucionário nas três grandes lutas revolucionárias — a luta de classes, a luta pela produção e pela experimentação científica. E foi precisamente este contingente que realizou este acto de heroísmo que são a exploração e a edificação dos campos petrolíferos de Taking.

EXPLORAÇÃO PETROLÍFERA DE TIPO NOVO

Em redor dos numerosos poços artesianos do empreendimento petrolífero de Taking encontram-se espalhados campos de cereais. Não existem cidades populosas nesta região. Ao mesmo tempo urbanas e rurais, as aglomerações onde vivem os operários do empreendimento e as suas famílias estão ligados por uma rede de estradas. Uma região industrial socialista de tipo novo começa a tomar forma que associa a indústria à agricultura, a cidade ao campo, o que se tem revelado favorável tanto à produção como à vida da população.

A indústria combinada com a agricultura

Quando o presidente Mao visitou a Sociedade siderúrgica de Wouhan em 1958, sublinhou: «*Um grande empreendimento como a Sociedade Siderúrgica de Wouhan pode ser transformado gradualmente num conjunto (...) Além da indústria, ocupar-nos-emos um pouco (...) da agricultura, do comércio, do ensino, e*

do treino militar». Esta directiva indicava a orientação a seguir para as grandes empresas industriais e mineiras chinesas e também para o empreendimento petrolífero de Taking.

No primeiro período da sua edificação, Taking, ao mesmo tempo que desenvolvia a indústria petrolífera, elaborou planos para a agricultura e para as ocupações subsidiárias.

Para aplicar a directiva do presidente Mao, Wang Kin-hsi, juntou-se de armas e bagagens à equipa de produção agrícola e subsidiárias que acabava de ser criada pela brigada de perfuração, na primavera de 1961. Sem esperar o degelo, colocou-se à cabeça dos seus companheiros de trabalho para revolver a terra. Procurando pedaços de ferro, construíram um pequeno forno e fabricaram várias centenas de pás e enxadas. A equipa arroteou mais de três hectares e recolheu trinta e três quintais de milho por hectar. O movimento pela participação nas produções agrícola e subsidiária estendeu-se a toda a região e construiu-se uma quinta em 1961. Possui hoje dezenas de tractores e de ceifeiras debulhadoras. Milhares de hectares de terra em pousio foram aproveitadas, aí se cultivando o trigo e a soja. Também existe a criação de gamos.

Nos milhares de trabalhadores da quinta, encontram-se antigos operários petrolíferos e gente jovem saídos das escolas secundárias da região de Taking. Além das suas ocupações essenciais, as diferentes unidades da exploração petrolífera tendo em conta as condições que lhes são próprias, cultivam legumes ou cereais ou criam ainda porcos.

Uma equipa feminina de produção, que conta mais de uma centena de membros, vela pelo bom funcionamento de um grande número de poços, e além disso cultiva alguns hectares em redor dos poços artesianos, apanha batatas e outros legumes, girassóis e milho. A equipa cria uma vintena de porcos e criou um grupo responsável pela produção agrícola e produções subsidiárias, sendo os seus membros escolhidos entre as mulheres que não são suficientemente fortes para trabalharem nos poços. Os operários da equipa de produção do empreendimento petrolífero participam por turnos nos trabalhos dos campos.

A equipa de perfuração está em constante deslocação devido ao seu trabalho. Contudo, ela tem as suas próprias parcelas de terra. À excepção de um pequeno número de pessoas responsáveis pela exploração, todos os perfuradores aí se deslocam para trabalhar por turnos. As famílias destes operários constituem uma força importante para este género de actividade. Fala-se muito das que decidiram «fazer a revolução com cinco enxadas».

Pouco depois do início da exploração do campo petrolífero, as famílias de um certo número de operários chegaram a Taking. O ardor revolucionário dos operários que trabalhavam infatigavelmente teve sobre elas uma influência enorme. Situé Kouei-fang, uma mulher de cerca de cinquenta anos, disse um dia: «Nós podemos resistir às dificuldades como os homens. Eles podem explorar petróleo do solo, e nós podemos tratar do cultivo dos cereais». Estudou com as outras donas de casa este ensinamento do presidente Mao: «*Contar com as suas próprias forças e lutar arduamente*», e

começou a aplicá-lo. Em resposta ao apelo do Comité do Partido de Taking, decidiram tomar parte no arroteamento das terras através do esforço colectivo.

Na primavera de 1962, um dia frio e ventoso, Siué Kouei-fang e outras quatro mulheres com cerca de vinte anos, enxada aos ombros, foram arrotear uma parcela rochosa a quinze quilómetros de distância. Instalaram-se para dormir numa cabana abandonada pelos perfuradores. No dia seguinte de manhã, puseram-se ao trabalho, arrancando as ervas daninhas e revolvendo a terra. Depois de três dias de trabalho árduo, tinham arroteado mais de 30 ares. Esta notícia encorajou outras dezoito mulheres a juntarem-se a elas. Estas trouxeram uma charrua de madeira que tinham pedido emprestada e começaram as sementeiras. Mais de quinze quintais de cereais foram recolhidos nesse outono.

Este sucesso encorajou as famílias dos operários a participarem em cada vez maior número na produção agrícola.

ADQUIRIR MATURIDADE NA LUTA

Liu Chao-chi e os seus acólitos na frente industrial criticaram os operários de Taking por se terem ocupado das produções agrícola e subsidiária, dizendo que isso era ocupar-se do que não lhes dizia respeito. Acusaram caluniosamente as donas de casa de terem «estragado a pradaria» ao arrotearem o terreno. Estas interferências foram firmemente combatidas pelos operários de Taking.

No dia 7 de Maio de 1966 foi publicada uma nova directiva do presidente Mao: «*Os operários consagrar-se-ão principalmente à produção industrial, ao mesmo tempo que se* instruem *nos domínios militar, político e cultural. Devem participar igualmente no movimento de educação socialista e criticar a burguesia. Nos locais onde as condições o permitam, trabalharão também na produção agrícola e nas produções subsidiárias, segundo o exemplo dos operários da exploração petrolífera de Taking*».

Esta directiva do presidente Mao, que aprova a orientação tomada pelos operários de Taking ao combinarem a indústria com a agricultura, encorajou consideravelmente estes últimos e as suas famílias.

Paralelamente à multiplicação dos poços artesianos de petróleo e ao desenvolvimento da empresa petrolífera, vastas extensões de terras foram cultivadas e a produção agrícola e as produções subsidiárias ampliadas rapidamente.

Desde que as actividades da empresa petrolífera se estenderam à agricultura e às ocupações subsidiárias, a indústria e a agricultura apoiaram-se e impulsionaram-se reciprocamente. A primeira etapa da construção de Taking desenvolveu-se no momento em que a China sofria calamidades naturais e dificuldades económicas temporárias. Com o aproveitamento das terras em pousio, onde foram cultivados cereais e legumes, os operários melhoraram consideravelmente as suas condições de vida. A superfície cultivada aumentou 11 vezes e a empresa pode praticamente ser autosuficiente em legumes. Certas unidades autoabasteceram-se pouco a pouco de carne.

Durante a estação-morta, os que trabalham na secção agrícola ajudam os operários na construção da empresa petrolífera. Pelo seu lado, a indústria facilita o desenvolvimento da agricultura.

Com a ajuda dos operários da refinaria, quatro donas de casa construíram um hangar com um tecto em chapa betuminosa flexível que utilizavam com local de trabalho. Servem-se de restos de materiais para fabricar objectos relativamente simples como os recipientes de reacção. Puderam obter assim cerca de 500 toneladas de adubos fosfatados de alta qualidade a partir de desperdícios de catalizador. Membros das famílias de operários encarregados do abastecimento de água e de electricidade ajudaram a escavar poços artesianos e a instalar estações de drenagem e de irrigação para uma unidade de produção agrícola e subsidiária dos arredores, dos quais 26 hectares de sementeiras deram, desta maneira 37,5 q./ha. Os operários vêm todos os anos dar uma ajuda nas alturas de muito trabalho — as sementeiras na Primavera e a colheita no Outono.

Foram criadas em Taking, além de centenas de escolas primárias e secundárias, um instituto de petróleo e um grande número de escolas que funcionam fora das horas de trabalho. Foram igualmente constituídos contingentes da milícia popular.

AGLOMERADOS INDUSTRIAIS — AGRÍCOLAS

Tradicionalmente, a instalação de uma moderna empresa petrolífera, exige a construção de uma enorme «cidade petrolífera» pronta para todas as necessida-

des. Mas isto requer grandes despesas e a sua construção é, naturalmente, lenta, afastando, além disso, a participação das famílias dos operários no trabalho colectivo da produção.

Firmemente opostos a este método de construção e partindo do princípio que os poços artesianos estão disseminados, os operários construíram aglomerações simples e espalhadas, nas quais utilizaram materiais retirados dos próprios locais. Fixaram para si, bem como para os seus familiares, o seguinte objectivo: atingir uma elevada preparação política, manter uma alta qualidade na produção e prosseguir a tradição revolucionária de vida simples e sóbria. Tomando o exemplo dos camponeses daquela região, construíram habitações com paredes de terra batida, traves de madeira e telhados de adobe, que podem ser concluídos rapidamente e são quatro vezes mais baratos do que as casas de tijolo. Foi construído um grande número destes aglomerados.

No local onde há dez anos existia uma região deserta, encontra-se hoje o «Satélite Vermelho», um dos principais desses aglomerados.

Encontram-se cerca de 1400 famílias operárias na aldeia «Satélite Vermelho» e nos cinco aglomerados que o envolvem. Nos arredores da aldeia existem 400 ha de campos cultivados e de poços de petróleo, a apenas alguns minutos de caminho da zona habitacional. Cada alojamento possui dois ou três compartimentos, segundo o número de membros de cada família. Para a cozinha e para o aquecimento é utilizado o gás natural. Durante o dia, as divisões são bem iluminadas pelo sol e à noite pela electricidade.

Cada bairro tem um armazém de cereais, um armazém de artigos diversos e uma secção de costura, bem como creches que tratam de crianças dos dois meses aos sete anos. Os pais podem levar os seus filhos à creche de manhã e ir buscá-los à noite depois do trabalho. As mães podem ausentar-se do trabalho e vir a horas fixas amamentar os bebés. São dadas às mulheres inúmeras facilidades nos seus trabalhos domésticos para que possam participar num trabalho produtivo colectivo. As crianças em idade escolar frequentam a escola primária do bairro e alguns dispensários da vizinhança cuidam das doenças correntes e endémicas. Todas as necessidades do dia a dia existem aqui.

O aglomerado «Satélite Vermelho» situa-se a cerca de 1 km dos aglomerados vizinhos. Possui uma fábrica de parafusos onde trabalham mais de 150 operários e suas famílias, cuja produção cobre todas as necessidades de Taking. Também aí se encontra uma fábrica de produtos alimentares, uma destilaria, uma fábrica de produtos à base de soja, uma cantina, uma livraria, um serviço postal, um fotógrafo, uma casa de banhos e uma oficina de reparação de rádios. Existe ainda uma escola com 1500 alunos e que assegura os cinco anos do ensino primário e os quatro anos do secundário, um centro sanitário onde os doentes são tratados pela medicina tradicional chinesa combinada com a medicina ocidental, e onde podem ser praticadas pequenas intervenções cirúrgicas. Este centro possui, além disso, um hospital com 50 camas. Uma rede de centros de produção e de habitação tais como o «Satélite Vermelho» foi também construído em Taking.

*

Forma-se uma nova geração neste centro industrial de tipo novo. Estes membros são capazes de trabalhar, de cultivar, de redigir e também de pegar numa espingarda para combater o inimigo.

Liu Houa é uma representante desta nova geração. Agora, com a idade de 21 anos, tornou-se operária depois de ter terminado a escola secundária em 1968. Os poços artesianos onde ela trabalha têm uma produção estável e elevada desde há longo tempo. Tendo assimilado as técnicas científicas necessárias, não só faz um excelente trabalho de análise do petróleo como resolve problemas difíceis. Nos campos, Liu Houa sabe adubar, semear, ceifar e malhar o trigo. Escreve com frequência artigos de crítica a Liu Shao-shi e poemas de louvor à nossa pátria socialista. Nas reuniões nocturnas, os seus camaradas e ela apresentam cantos e danças da sua criação, evocando feitos notáveis e em honra aos trabalhadores da sua equipa. Membro da milícia, é uma excelente atiradora. Num exercício de tiro registou 27 pontos em três tiros de espingarda.

Liu Houa é uma encarnação da nova geração formada pelo nosso Partido segundo a directiva do «7 de Maio» formulada pelo presidente Mao.

A EQUIPA DE PERFURAÇÃO 1205 BATE UM NOVO RECORDE

Desde o primeiro ano do 4.° quinquénio, em 1971, a equipa de perfuração 1205 conseguiu uma vitória pouco comum: 127 000 metros perfurados num ano. Isto constitui um recorde jamais atingido no nosso país. Se nos recordarmos que a China antiga não tinha mais do que 70 000 metros perfurados em 42 anos, entre 1907 e 1949, 127 000 metros num ano por uma única equipa constituem um recorde formidável.

A equipa de perfuração 1205 foi, durante algum tempo, dirigida pelo camarada Wang Kin-shi. Desde há dez anos, hasteando a grande bandeira vermelha do pensamento maotsétung, esta equipa, trabalhando sempre duramente, alcançou sucessos notáveis que lhe valeram a reputação de «Equipa de perfuração de aço». Em 1966, encorajada pela Grande Revolução Cultural Proletária, perfurou 100 300 metros, batendo assim o recorde mundial da época. Contudo, os seus membros não se contentaram com este êxito e fixaram para

1971 um novo objectivo que, para ser realizado, exigia esforços enormes: perfurar 10 000 metros por mês e 120 000 metros num ano.

Estabelecer este novo recorde, tal era o desejo ardente de todos os membros da equipa.

Por meados de Novembro de 1970, quando, gravemente doente, foi hospitalizado em Pequim, o camarada Wang Kin-shi, recomendava sempre aos camaradas da equipa que o visitavam: «Estudem bem as obras do presidente Mao e dirijam como deve ser a equipa com o pensamento maotsétung. Eu não consegui atingir os 120 000 metros, mas vocês devem alcançá-los, e darem o maior avanço possível à indústria petrolífera do país». Desde então, a direcção e os perfuradores da equipa prometeram a si próprios realizar a vontade do seu antigo chefe: perfurar 120 000 metros por ano.

Para atingir este objectivo, os camaradas da equipa 1205 estudaram assiduamente as obras do presidente Mao, «Sobre a prática» e «Sobre a Contradição» e lutaram conscientemente contra as dificuldades. Cada um esforçou-se por fazer o mais possível. Em Janeiro de 1971, quando tudo estava gelado, houve um incidente: uma noite, quando se utilizava o cilindro de perfuração, a pasta foi ejectada para fora do poço artesiano. Os camaradas que se encontravam sobre a plataforma, foram atingidos no rosto e ficaram ensopados até aos ossos. Abriu-se uma brecha na parede do reservatório da água, provocada pelo choque deste jacto de pasta de petróleo e a água começou a precipitar-se para dentro do reservatório de pasta, situado ao lado; se a brecha não fosse fechada a tempo, a

produção teria forçosamente de parar devido ao facto de a pasta se tornar demasiado líquida. Estando o solo gelado, duro como pedra, era evidente que não se podia escavar a terra para tapar a brecha. Li Konei, Hona Knoang-techang, ambos membros do Partido comunista, saltaram para o reservatório de água que tinha mais de um metro de profundidade e taparam a brecha com o seu próprio corpo. Apesar do vento glacial, persistiram até que a brecha fosse tapada.

Em Maio de 1971, a equipa de perfuração acabava os trabalhos num poço artesiano numa região de alta pressão, quando sinais de erupção iminente se manifestaram; se não fossem tomadas medidas de urgência para o impedir, o poço artesiano ter-se-ia perdido e a perfuradora ter-se-ia enterrado. Para reduzir o perigo, era necessário empregar uma enorme quantidade de pó de espato, matéria muito pesada. A equipa de serviço, era constituída por apenas oito homens, mas todos os seus membros se recordavam do que sempre lhes tinha repetido o seu antigo chefe de equipa: «Os poços artesianos pertencem aos 700 milhões dos nossos compatriotas e ninguém tem o direito de os perder». Todos se apressaram a transportar os pesados sacos de pó de espato armazenados a mais de 20 metros de distância, para os despejar no reservatório de pasta, donde a mistura era enviada para o poço artesiano graças a poderosas bombas. Ao fim de 2 horas de um duro combate, os sinais de erupção desapareceram. Foi então que se pensou em contar a quantidade de pó de espato empregado: mais de 50 toneladas! A coragem, o desprezo das duras con-

dições e da fadiga não são as únicas características da equipa 1205 no trabalho. Distingue-se ainda pela atitude extremamente científica e o cuidado minucioso de que dá provas. Com o fim de acumular a experiência que lhe permitiria atingir 120 000 metros por ano, esta equipa fez sempre perfurações de 10 000 metros por mês desde 1970. Ora, porque conhecia mal as camadas de terreno, foi-lhe necessário o dobro do tempo para perfurar o primeiro poço artesiano. A célula do Partido organizou então uma equipa completa para estudar «Sobre a prática» e «Sobre a Contradição» donde concluíram a seguinte lição: se se deseja vencer o inimigo, é necessário conhecê-lo; se se quer acelerar a perfuração, é necessário dominar a lei das variações que se produzem nas camadas de terreno. Deste modo, à força de analisar espécies diferentes de areia e de procurar conhecer as camadas com as quais tinha de tratar, a equipa conseguiu recolher numerosos dados e adoptou, segundo a estrutura geológica do local, técnicas destinadas a fazer face às diversas camadas de terreno.

A perfuradora de que se serve a equipa 1205 é de um tipo antigo e tem uma velocidade de rotação relativamente fraca. Ora, só aumentando a velocidade, era possível ganhar tempo e atingir os 120 000 metros que ela se tinha proposto alcançar. Decidiu então transformar a perfuradora para aumentar a velocidade. Um grupo de tripla união, composto de operários, de quadros e de técnicos, colocou-se em quadrado, sobre a plataforma de perfuração, para observar atentamente o funcionamento. Depois de numerosos trabalhos de inquérito e de investigação, o grupo sugeriu

substituir o pequeno volante por um maior e dotar a perfuradora de 3 bombas em vez de duas. Um período de investigação e de prática seguiu ainda esta transformação e finalmente foi adoptada uma nova técnica de perfuração.

O quarto grupo desta equipa é composto de jovens e Lieou Kia-ming, o chefe, não tem mais do que alguns anos de trabalho de perfuração no seu activo. Uma vez, quando um outro grupo estava de serviço, a árvore imobilizou-se devido ao facto das engrenagens da máquina de velocidade se terem subitamente bloqueado. O trabalho estava atrasado e Lieou Kia-ming viu neste incidente uma excelente ocasião para fazer o balanço das experiências e daí tirar lições. Reuniu o seu grupo no bairro para descobrir as razões da avaria, e não tardaram a descobrir que a sua proveniência era devida a uma roda dentada danificada por grãos de areia caídos na caixa de velocidades. Desde então, toda a gente se empenhou em limpar bem os instrumentos de medida até ao último parafuso e em ordenar os utensílios numa ordem impecável. Habituaram-se todos a serem rigorosos e cuidadosos em tudo.

A equipa alcançou vitórias cada vez mais brilhantes de ano para ano. Não só perfurou centenas de poços de excelente qualidade, como ainda forneceu aos novos campos petrolíferos 124 operários e 52 quadros, o que lhes valeu elogios dos diversos serviços interessados. Contudo, continuou a compenetrar-se deste ensinamento do presidente Mao: *«Faz-se progressos quando se é modesto, enquanto que o orgulho deita*

tudo a perder», e nunca devemos esquecer os revezes e as lições do passado face aos sucessos e honras de hoje.

Na Primavera de 1971, com o objectivo de alcançar um novo recorde, fez-se avançar o trabalho a toda a velocidade desde os primeiros dias de perfuração de um poço artesiano. A perfuradora progredia rapidamente. Contudo, uma vez que se procurava unicamente a velocidade, chegou um dia em que o trepano, mal apertado caiu para o fundo do poço artesiano, e acabaram por ser necessários oito dias para terminar o trabalho com o tempo que se perdeu a repará-lo. Depois deste incidente, a direcção reuniu-se para relembrar o caminho semeado de combates, percorrido pela equipa 1205. Em 1963, depois de Wang Kin-hsi ter deixado a equipa, os quadros foram por momentos invadidos por uma espécie de auto-satisfação perante os sucessos alcançados, e o resultado foi que, tendo-se desleixado o trabalho político, declarou-se um incêndio, que destruiu 6 barracas desmontáveis e um poço artesiano. Este incidente atingiu de tal modo Wang Kin-hsi, o antigo chefe de equipa, que no seu leito de morte não se esqueceu de lhes fazer uma vez mais esta recomendação: «Naturalmente não devemos falar dos nossos sucessos, pois foi seguindo os ensinamentos do presidente Mao que os alcançámos, mas o que é necessário lembrar ainda mais frequentemente, é o passado da equipa 1205, isto é, como ela aprendeu com o que lhe aconteceu em 1963, para que nunca o esqueçamos». Os dirigentes da célula do partido guardam sempre na memória estas últimas recomendações do «homem de ferro» e declaram a esse propósito: «É preciso não nos esquecermos deste acidente e desta lição, senão tropeçaremos de novo». Tomam como exemplo o «homem de ferro» que era sempre muito exigente em relação a si próprio, fazendo perante as massas a crítica dos seus próprios erros, quando se deixavam arrastar pelo orgulho e pela auto-satisfação, pedindo às massas para os criticarem a fim de os ajudarem.

Fazem do combate contra este estado de espírito uma questão importante do conteúdo do seu trabalho político e ideológico na equipa.

A equipa 1268, vizinha da 1205, é uma equipa recente, formada em 1966. Ao pôr a política em primeiro plano e ao recorrer a um trabalho ideológico aprofundado, fez progressos sensacionais desde a sua fundação. A equipa 1205 segue o exemplo da sua jovem vizinha no que diz respeito ao trabalho político e ideológico, às técnicas da perfuração rápidas, à segurança no trabalho, graças ao qual melhorou o seu próprio trabalho.

Devido a uma educação constante contra o orgulho e a auto-satisfação, a equipa 1205 progrediu com um passo ainda mais seguro e não deixou de manter o seu ritmo de perfuração de 10 000 metros por mês.

Na madrugada de 7 de Dezembro de 1971, quando a aurora começava a iluminar o guindaste, a equipa 1205 realizou finalmente o que «o homem de ferro», seu antigo chefe, sempre sonhara: atingir 120 000 metros por ano, batendo assim um novo recorde nos anos 70.

Em 1972, partindo deste novo sucesso, lançou-se à conquista dos maiores objectivos!

WANG KIN-HSI — REPRESENTANTE EMINENTE DA CLASSE OPERÁRIA CHINESA

O camarada Wang Kin-hsi era um perfurador da exploração petrolífera de Taking. Não receando, nem as provações nem a morte, lutou, durante mais de 20 anos, contra a natureza, contra um punhado de inimigos de classe do interior como do exterior do país e contra as ideias erradas. A sua posição de classe era firme como a rocha e a sua vontade revolucionária, como o aço. Foi um heróico defensor da linha revolucionária proletária do presidente Mao. Durante a Grande Revolução Cultural Proletária, foi eleito vice-presidente do Comité revolucionário da exploração petrolífera de Taking e no IX Congresso do Partido Comunista Chinês; foi eleito membro do Comité Central.

UMA LUTA RENHIDA

O camarada Wang Kin-hsi, denominado «o homem de ferro» pelos operários de Taking, tinha labutado na antiga sociedade como carregador da exploração petro-

lífera de Yumen, província de Kanson, uma empresa nas mãos dos capitalìsltas compradores. Depois da libertação, com a passagem desta exploração petrolífera para as mãos do povo, tornou-se perfurador.

Em conjunto com os outros operários, «o homem de ferro» lutou incansavelmente para desenvolver a nossa indústria petrolífera e quebrar o «bloqueio económico» do imperialismo americano, trabalhando duramente ao longo do ano na exploração petrolífera de Yumen.

O presidente Mao formulou em 1958 a linha geral recomendando *«edificar o socialismo segundo os princípios; desenvolver todos os esforços; ir sempre em frente; quantidade, rapidez, qualidade e economia»*, o que deu enorme força ao «homem de ferro». Ele e os seus camaradas estabeleceram um recorde nacional ao perfurarem 10 000 metros num ano graças ao seu ardor e à sua imaginação.

A nossa indústria petrolífera desenvolvia-se. Contudo, Liu Shao-shi e companhia dedicavam-se à divulgação da sua sinistra propaganda revisionista contra-revolucionária tal como a «filosofia compradora do *servilismo perante o estrangeiro». Deste modo, alguns* continuavam a acreditar na «teoria» forjada pelo imperialismo para as necessidades da sua agressão e segundo a qual «a China é pobre em petróleo». O que é que se passava na realidade? «O homem de ferro» declarou : «recuso-me a acreditar que o petróleo só se encontre na terra dos outros».

Em 1959, foi a Pequim participar na conferência nacional dos heróis e dos trabalhadores-modelo.

Aí, viu circular veículos encimados de volumosas bolsas de gás. E teve a impressão de que estes o esmagavam com todo o seu peso.

Durante a conferência, chegou a notícia da descoberta dum campo petrolífero. «O homem de ferro» apresentou imediatamente à direcção um pedido para se dirigir para lá a fim de apressar o desenvolvimento da nossa indústria petrolífera.

Na primavera do ano seguinte, os operários afluíram de todos os cantos do país para o campo petrolífero de Taking.

O nosso país atravessava então um período de dificuldades económicas temporárias devidas a graves calamidades naturais. Os revisionistas modernos aproveitaram para anular os contratos económicos e chamar os peritos e procurarem ainda criar-nos dificuldades com o petróleo. «O homem de ferro» disse com resolução: Isso não nos mete medo. Sob a direcção do presidente Mao, o povo chinês criou a China nova, quando não existia senão milho miúdo e fuzis. O bloqueio do imperialismo e os golpes do revisionismo moderno não conseguirão mais do que levar-nos a trabalhar ainda com maior determinação. Logo que chegou à cabeça da equipa de perfuração 1205, sobre a imensa pradaria do campo petrolífero de Taking, não pôde conter a sua emoção. Disse: «Eis aqui um mar de petróleo. Coloquemos as gruas e trabalhemos arduamente a fim de atirar para o Oceano Pacífico o pregão de «atrasado» com que catalogam a nossa indústria petrolífera !»

O brusco afluxo dos construtores a Taking, nesta região deserta sepultada sob a neve, complicou singu-

larmente as condições de vida. «O homem de ferro» disse então: «Quem diz revolução diz dificuldades. E as dificuldades, é necessário combatê-las. Senão de que serve ser comunista?» «Punhamos imediatamente mãos à obra, quer as condições sejam boas ou não!»

O equipamento de perfuração chegou. Contudo, os meios de elevação e de transporte faltavam. Sob a orientação do «homem de ferro», os operários carregaram-no, à força de braços, da estação local. Puseram-se ao trabalho antes mesmo do acabamento da montagem das condutas de água. Não sendo os camiões-cisterna em número suficiente, foram, com bacias e baldes, entornar a água num mar gelado a mais de 500 metros de distância.

Comendo e dormindo no campo petrolífero, «o homem de ferro» dirigiu a sua equipa numa luta obstinada que conduziu ao acabamento do primeiro poço artesiano.

Viram os seus esforços recompensados quando o petróleo jorrou em jactos negros das entranhas da terra.

Uma manhã, a equipa 1205 estava ocupada na desmontagem de um guindaste. De súbito, uma árvore de perfuração rolou por debaixo de uma pilha de tubos e veio ferir «o homem de ferro» na perna. Este desmaiou de dor. Os operários choravam de inquietação. Recuperando os sentidos, «o homem de ferro» disse: «Quando um soldado é ferido num campo de batalha, deveis continuar a combater ou chorais à volta dele?» «Continuamos a combater», foi a resposta unânime. Empregando uma força sobrenatural «o homem de ferro» pôs-se de pé, e continuou a dirigir,

agitando uma pequena bandeirola, a desmontagem do guindaste.

A direcção e os operários transportaram-no à força ao hospital. Mas não ficou aí muito tempo.

Numa noite chuvosa, Wang, apoiado numa muleta, com uma perna ligada e coberta de pus voltou ao acampamento da equipa de perfuração 1205. Os seus camaradas apressaram-se a preparar-lhe uma cama. Depois de um breve repouso, tornou a partir coxeando na direcção da estação de perfuração aos primeiros alvores da madrugada.

Um dia, durante a perfuração, um poderoso jacto de gás saiu do poço, prelúdio de uma erupção iminente. Era preciso tapar o mais depressa possível o orifício para evitar graves complicações. Mas faltava a baritina necessária. Imediatamente, «o homem de ferro» deu a ordem de deitar cimento na poça para aumentar a densidade da argamassa. Não havia malaxadores, por isso ele lançou a sua muleta e saltou para a poça seguido de diversos operários, para mexer a mistura. Depois de mais de 3 horas de esforços venceram a erupção. Nessa altura, Wang tinha tantas dores na perna que não podia continuar de pé.

Guiados pela linha revolucionária do presidente Mao, o «homem de ferro» e os seus camaradas construíram ao fim de três anos de luta árdua, a primeira grande exploração petrolífera da China.

A China atingiu em 1963 a auto-suficiência em petróleo.

Mas «o homem de ferro» não estava satisfeito com o resultado obtido. Disse aos seus camaradas: «Nós

devemos, como os alpinistas, prosseguir a nossa ascensão até ao cume, hasteando a bandeira vermelha.»

Defender a linha revolucionária do presidente Mao.

O camarada Wang King-hsi nasceu duma família de camponeses pobres do distrito de Yumen, província do Kanson. Na antiga sociedade, aos seis anos ia mendigar com seu pai, que cegara sob a feroz exploração dos proprietários fundiários; aos 8 anos começou a trabalhar como boieiro na casa de um proprietário de terras; aos 15 anos, entrou na exploração petrolífera de Yumen onde fazia um trabalho de adulto e apanhava frequentes sovas dos contra-mestres, guardas e «técnicos» estrangeiros. Aí trabalhou durante dez anos e não pôde mesmo matar a fome nem conseguir um agasalho.

Depois da libertação, como todos os outros trabalhadores, tornou-se dono do país. Educado pelo pensamento maotsétung, ele teve a honra de aderir ao Partido Comunista Chinês em 1956.

Compreendeu melhor que nunca que para fazer a revolução, necessitava estudar o marxismo-leninismo, e o pensamento maotsétung. Por mais ocupado e fatigado que estivesse, perseverava no estudo das obras do Presidente Mao.

Não tendo nunca recebido instrução, não sabia sequer escrever o seu nome, na época da libertação. Mas com uma energia surpreendente, em breve aprendeu a ler e escrever. Em 1965 tinha acabado de ler os quatro volumes das *Obras escolhidas de Mao Tsé-tung* e escrevera uma quantidade enorme de notas de leitura.

Tinha-se tornado um «homem de ferro», porque assimilara verdadeiramente o pensamento maotsétung.

No decurso da exploração do campo petrolífero, «o homem de ferro» e os seus camaradas estavam a braços com numerosas dificuldades e contradições. Estudaram e reestudaram «Sobre a contradição» na estação de perfuração. E «o homem de ferro» dizia: «de todas as dificuldades, a maior, é a falta de petróleo do Estado. Esta é também a maior contradição.»

«Devemos admitir a existência de dificuldades, analisá-las a fim de as ultrapassar. Estamos determinados a explorar o campo petrolífero.» Indomáveis perante as dificuldades, os operários e ele deram livre curso ao seu dinamismo subjectivo: Sempre que havia falta de equipamento, eles próprios o fabricavam, sempre que havia falta de meios de transporte, transportavam as máquinas à força de braços; sempre que havia falta de alojamentos eles próprios os construiam; sendo o abastecimento de cereais e de legumes difícil, desbravaram as terras para as cultivarem.

Em 1963, foi decidido que a inclinação de poços artesianos não deveria ultrapassar 3 graus. Fechados nos seus gabinetes, alguns debruçaram-se sobre os livros à procura de um método «capaz» de perfurar poços artesianos direitos. O «homem de ferro» disse-lhes: «o presidente Mao indicou explicitamente em «Sobre a prática»: *Se se deseja adquirir conhecimentos, é necessário tomar parte na prática que transforma a realidade*. Vocês não obterão êxitos se trabalharem em abstracto».

De acordo com os outros operários, «o homem de ferro» fez o balanço da experiência e aperfeiçoou o

equipamento de perfuração. Pela prática assimilaram-se as leis que regiam a perfuração dos poços artesianos direitos.

Quando da primeira tentativa, a máquina ficou bloqueada. Alguns disseram com tom trocista: «Vejam o que fizeram! Vocês não têm o espírito científico!» «o homem de ferro» respondeu: «A derrota é a mãe do sucesso. Desta vez, a máquina emperrou, mas na próxima vez conseguiremos!» Continuando as suas experiências, tentaram acertar e acabaram por elaborar um conjunto de métodos que lhes permitiu perfurar um primeiro poço artesiano cuja inclinação ultrapassava pouco os 2 graus e mais tarde um poço inclinado apenas meio grau.

«O homem de ferro» dizia: «Ao estudar as obras do presidente Mao, devemos fixar-nos em pensamento, em palavras e em acções, nos ensinamentos que ele dá nas suas obras».

A exploração petrolífera de Taking é uma bandeira vermelha erguida pelo presidente Mao na nossa frente industrial. Mas ao longo da Grande Revolução Cultural Proletária, um punhado de inimigos de classe tentaram abatê-la, com o fim de sabotar a linha revolucionária do presidente Mao. Wang Kin-hsi combateu-os resolutamente.

Uma noite, na Primavera de 1967, a sala de conferência ficou brilhantemente iluminada. Decorria aí um debate encarniçado. Baseando-se na sua própria experiência, Wang Kin-hsi fez o relato dos êxitos dos trabalhadores de Taking que tinham feito desta região deserta uma exploração petrolífera, graças ao estudo das obras do presidente Mao *«Sobre a prática»*, *«Sobre a contradição»*, etc. Refutou vigorosamente as mentiras e as calúnias proferidas pelos inimigos. Muito comovido, disse: «A exploração petrolífera de Taking, devemo-la ao pensamento maotsétung, todas estas vitórias são as da linha revolucionária do presidente Mao».

As conspirações dos inimigos foram desmascaradas umas após outras. Mas estas continuavam a debater-se. Ao inventarem «histórias» sobre Wang, pensavam induzir as pessoas em erro e em perseguir «o homem de ferro». Tentando apanhá-lo de surpresa, esforçaram-se por obrigá-lo a assinar um papel que tinham preparado com antecedência, e que era uma teia de calúnias contra Taking. Wang Kin-hsi rebateu-o categoricamente: «Taking pertence aos 700 milhões de chineses! Não assinarei mesmo com a força sobre a garganta!»

O camarada Wang Kin-hsi ia durante todo o tempo, com a sacola contendo a sua refeição às costas, propagar o pensamento maotsétung em cada equipa de perfuração e materializar a directiva do presidente Mao: *«Fazer a revolução e promover a produção»*. Como os outros, trabalhava durante o dia, e estudava ou conduzia a crítica revolucionária à noite. Lutava a fim de salvaguardar a linha revolucionária do presidente Mao.

O «BÚFALO» DO POVO

«Tigre feroz» face ao inimigo de classe, o «homem de ferro» era um «búfalo» do povo. Repetia muitas vezes: «Fui boieiro na minha infância e conheço bem as características dos búfalos. Não poupam as

suas energias nem esperam qualquer vantagem. Desejo ser em toda a minha vida, um «búfalo» do povo.

No início da exploração de Taking trabalhava dia e noite na estação de perfuração, tanto no rigor do inverno como nos chuvosos dias de Verão. Quando tinha fome, engolia alguns pedaços de pão; arrasado pela fadiga, dormia um sono curto no próprio local de trabalho usando um trado como almofada. Emagrecia. Os seus camaradas preocupavam-se muito com a sua saúde. Mas ele dizia-lhes: «na antiga sociedade é que a vida era verdadeiramente dura! A vida que levamos hoje não tem nada a ver com a desse tempo. Se hoje passamos por algumas provas difíceis, é com o objectivo de assegurar a felicidade à maioria e às gerações vindouras!»

Um membro da II brigada de perfuração à qual pertencia Wang Kin-hsi levou, na sua ausência um pedaço de carne à sua família. A mulher de Wang recusou. Consciente de que esta carne tinha sido oferecida pelo Estado aos operários, Wang criticou severamente o homem: «pensa um pouco! É como se bebesse o sangue dos operários! Só os grandes proprietários agrícolas e os capitalistas são capazes de fazer isso!» Depois de feito um inquérito descobriu-se que o indivíduo era um inimigo de classe infiltrado no seio das massas revolucionárias.

Um operário chamado Tchang Ki-kang tinha dado a sua vida pela revolução, abandonando a sua velha mãe na província do Chensi, sua terra natal. Wang Kin-hsi nunca o esqueceu. Pediu aos camaradas da equipa de perfuração a que Tchang tinha pertencido que lhe escrevessem pelo menos uma vez por mês.

Na altura em que o nosso país se debatia com dificuldades económicas temporárias, tomou conhecimento da partida em viagem de um camarada, que iria passar pelo Chensi e encarregou-o do envio de 100 yuans, tirados das suas próprias economias, à mãe de Tchang. Seguindo o seu exemplo, outros operários enviaram-lhe roupa e outros objectos. Ficou muito comovida. Tinha visto antes da libertação, gente idosa sem qualquer apoio familiar errar por toda a parte e morrer de fome e de frio. Hoje, não só se encontrava aos cuidados do governo mas também envolta nas atenções dos operários.

Wang Kin-hsi pensava constantemente nos seus irmãos e irmãs de classe e nunca em si próprio. Um médico da medicina tradicional chinesa, tendo sabido que Wang sofria de reumatismo agudo, enviou-lhe duas doses de um medicamento particularmente eficaz. Mas Wang deu-os a um operário que, por sua vez, os enviou a um outro operário cuja mulher padecia de reumatismo. Ela agradeceu ao operário. Este respondeu: «Este medicamento não me pertence, mas sim a Wang. É a ele que deve agradecer.» Quando ela agradeceu a Wang, ele disse-lhe: «Este medicamento traduz a solicitude de 700 milhões de chineses para com os trabalhadores de Taking. É a esses que deve agradecer».

UM SIMPLES TRABALHADOR

Tornado membro do Comité Central do Partido, trabalhou ainda com mais energia em companhia dos outros operários, batendo os seus corações em unís-

sono. Continuou a habitar a sua casa de terra batida, a vestir roupas de operário, a levar uma vida simples. Mostrou-se ainda mais exigente para consigo próprio. Os operários diziam dele: «Wang continua a ser um simples trabalhador!»

As novas vitórias sucederam-se em Taking tanto na revolução como na produção. Dada a grandeza formada por Taking alguns começaram a lançar para refugo sucata e velhos materiais. Wang Kin-hsi defendia que se tratava de uma questão importante — era ou não preciso desenvolver uma tradição revolucionária? Segundo a sua proposta, organizou-se uma equipa de recuperação.

Alguns diziam que um membro do Comité Central do Partido não tinha necessidade de se ocupar de assuntos desta ordem. Wang explicou-lhes então com paciência: «O presidente Mao ensina-nos: «*Para que o nosso país se torne próspero e poderoso, várias dezenas de anos de esforços demolidores são necessários, e entre esses esforços, a aplicação de uma política de diligência e de economia na edificação do país, política que implica uma economia estrita e a luta contra o desperdício*». Devemos lutar duramente gerações após gerações. Só assim podemos garantir que o nosso país socialista não mudará de cor».

Sempre que calhava, ia junto desta equipa recuperar os materiais «de refugo». A todo o lado ia. Trabalhava como um simples operário.

Reservava para si o trabalho mais penoso, mais fatigante, mais perigoso.

Encorajados pelo seu exemplo, os outros operários e as suas famílias organizaram equipas de recuperação e grupos para a prática da economia. Com os materiais recuperados, construíram guindastes.

Em Abril de 1970, a doença de Wang piorou. Sofria de cancro no estômago, já na última fase da sua evolução. Wang Kin-hsi, esse bom filho do Partido e firme combatente do proletariado chinês expirou, a 15 de Novembro de 1970.

No seu leito de morte, ainda fazia sugestões balbuciantes do que se devia fazer em Taking. Com as lágrimas nos olhos, os seus camaradas diziam-lhe: «não penses nisso!» Ele respondeu-lhes: «Sou um comunista, não posso deixar de pensar nisso... Fiz muito pouco pelo Partido...»

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 7

MONTAR UMA «PEÇA ESPECTACULAR NUM PEQUENO PALCO» 11

TAKING 37

ALCANÇAR UMA VIA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL QUE NOS SEJA PRÓPRIA 39

NO CAMPO PETROLÍFERO DE TAKING 45

A FORÇA MOTRIZ DAS EXPLORAÇÕES HERÓICAS 59

UM SÉRIO TRABALHO POLÍTICO E IDEOLÓGICO 71

EXPLORAÇÃO PETROLÍFERA DE TIPO NOVO 79

A EQUIPA DE PERFURAÇÃO 1205 BATE UM NOVO RECORD 89

WANG KIN-HSI — REPRESENTANTE EMINENTE DA CLASSE OPERÁRIA CHINESA 97

Livros publicados pela **Editora Vento de Leste**

COLECÇÃO **CLASSICOS**

1 — **Sobre o Partido da Classe Operária** — J. Estaline
2 — **Cartas de Longe e Teses de Abril** — Lenine (esgotado)
3 — **Anarquismo ou Socialismo?** — J. Estaline (esgotado)
4 — **Teses Sobre a Democracia Burguesa e a Ditadura do Proletariado** — Lenine (esgotado)
5 — **Escritos Militares** — Lenine
6 — **O Perigo de Direita, O Desvio de Direita** — Estaline
7 — **Sobre literatura e arte** — Mao Tsé-tung
8 — **O 18 de Brumário de Luis Bonaparte** — Karl Marx
9 — **Fábrica e controlo operário** — Lenine

COLECÇÃO **MOVIMENTO COMUNISTA INTERNACIONAL**

1 — **História do Partido do Trabalho da Albânia** (I) (esg.)
2 — **História do Partido do Trabalho da Albânia** (II) (esg.)
3 — **História do Partido do Trabalho da Albânia** (III)
4 — **História do Partido do Trabalho da Albânia** (IV)
5 — **História do Partido Comunista (Bolchevique) da U. R. S. S.** (I)
6 — **História do Partido Comunista (Bolchevique) da U.R.S.S.** (II)
7 — **Duas Linhas Antagónicas no Movimento Sindical Mundial** — Filip Kota
8 — **Diversos Aspectos da Degenerescência e Desintegração nos Países e Partidos Dominados pelos Revisionistas** (esgotado)
9 — **Os 50 Anos do Partido Comunista da China — 1921-1971**
10 — **História do Partido do Trabalho da Coreia** — Kim Il Sung
11 — **Viva a Comuna de Paris**

CADERNOS **MARTINS SOARES**

1 — **Chile : Uma Lição Para os Revolucionários de Todo o Mundo** (esgotado)
2 — **Guia de Agitação e Propaganda** (esgotado)
3 — **Viva a Vitória da Ditadura do Proletariado !**
4 — **«Uma Grande Desordem Sob os Céus»**
5 — **Os Revisionistas Soviéticos Restauram o Capitalismo na U.R.S.S.**
6 — **O Social-Imperialismo e a Guerra**
7 — **A Actual Crise**
8 — **O Social-Imperialismo Revisionista Soviético**

COLECÇÃO **AMIZADE PORTUGAL-CHINA**

1 — **Constituição da República Popular da China**
2 — **10 Questões Sobre a China**
3 — **Ensaios Filosóficos Escolhidos de Operários, Camponeses e Soldados**
4 — **A Revolução Cultural nas fábricas chinesas**
5 — **A Revolução Cultural nos campos chineses**

COLECÇÃO **AMIZADE PORTUGAL - ALBANIA**

1 — **25 Anos de Lutas e de Vitórias na Construção do Socialismo** — Enver Hoxha

COLECÇÃO **ARTE E CULTURA NOVAS**

1 — **Histórias de Ye Siuan**
2 — **Lutar é a Única Coisa que nos Resta** (esgotado)
3 — **12 de Outubro Vermelho**
4 — **Contos Laocianos**

CADERNOS **VENTO DE LESTE**

1 — **Sobre o Estado e as Eleições** — Marx - Engels
2 — **Sobre as Greves e os Sindicatos** — Lenine (esgotado)
3 — **Viva o Partido** — Lenine
4 — **Sobre o Estado e as Eleições** — Lenine
5 — **Viva o 1.º de Maio** — Lenine/Estaline
6 — **Guerra do Povo à Guerra Imperialista** — Lenine
7 — **A Aliança Operária-Camponesa** — Lenine
8 — **Sobre o projecto de Constituição da U.R.S.S.** — Estaline

Composto e impresso
na
Beira Douro, Limitada
em Outubro de 1975
para
VENTO DE LESTE
3.000 ex.

ASSOCIAÇÃO DA AMIZADE PORTUGAL · CHINA

AAP.C